

Cristo

Vincent Cheung

Embora somente Deus determine o destino humano escolhendo salvar alguns e condenar todos os outros, ele salva seus eleitos produzindo dentro deles fé em Cristo. Isso significa que o destino de uma pessoa é revelado pela forma como ele pensa sobre Cristo. Dependendo do grau e maneira de desvio da revelação bíblica, sustentar uma falsa visão de Cristo pode resultar em condenação eterna. Portanto, devemos estudar a doutrina bíblica de Cristo com cuidado e reverência, rejeitando toda posição que compromete ou distorce o que a Escritura ensina sobre ele.

Nesse capítulo, começarei com uma discussão sobre a pessoa de Cristo com uma ênfase em sua dupla natureza. Consideraremos então diversos pontos significantes sobre sua vida e obra, especialmente com relação à sua obra de expiação. O capítulo conclui com alguns comentários sobre a supremacia de Cristo e suas implicações para o viver cristão e as religiões do mundo.

A PESSOA DE CRISTO

O Cristianismo bíblico afirma que Cristo possui duas naturezas, que ele é tanto divino quanto humano. Ele existe com Deus o Pai na eternidade como a segunda pessoa da trindade, mas tomou a natureza humana na ENCARNAÇÃO. O que resulta disso não compromete ou confunde a natureza divina com a humana, de modo que Cristo é totalmente Deus e totalmente homem, e permanecerá nessa condição eternamente. Às duas naturezas de Cristo subsistindo em uma pessoa dá-se o nome de UNIÃO HIPOSTÁTICA.

Algumas pessoas alegam que essa doutrina gera uma contradição; contudo, antes de providenciarmos respaldo bíblico para essa doutrina, vamos primeiro defender sua consistência lógica.

Recordemos nossas primeiras discussões sobre a Trindade. A formulação doutrinária histórica da Trindade diz: “Deus é um em essência e três em pessoa”. Essa proposição não é contraditória. Para haver uma contradição nós precisamos afirmar que “A é não-A”. Em nosso caso, isso se traduz assim: “Deus é um em essência e três em essência”, ou “Deus é um em pessoa e três em pessoa”. Afirmar que Deus é um e três (não um) ao mesmo tempo e num mesmo sentido é contradizer-se. Porém, nossa formulação doutrinária diz que Deus é um num sentido e três num sentido diferente: “Deus é um em essência e três em pessoa”. Além disso, embora cada uma das três pessoas

componha de forma completa um único Deus, a doutrina não se torna um triteísmo desde que ainda haja um único Deus e não três.

A “essência” na formulação acima se refere aos atributos divinos ou a cada definição de Deus, tanto que todas as três pessoas de Deus preenchem completamente a definição de deidade. Mas isso não implica num triteísmo, pois cada definição de deidade inclui o atributo ontológico da Trindade, de modo que cada membro não é um Deus independente. O Pai, o Filho, e o Espírito são “pessoas” distintas porque representam três centros de consciência dentro da Divindade. Portanto, embora os três participem completamente da essência divina de modo a formarem um [único] Deus, esses três centros de consciência resultam em três pessoas dentro desse único ser Divino.

De modo similar, a formulação doutrinária da pessoalidade e encarnação de Cristo diz que ele é um num sentido e dois num sentido diferente. Que ele é um em *pessoa*, mas dois em *natureza*.

Para esclarecer essa formulação doutrinária, nós precisamos definir os termos e compará-los à formulação doutrinária da Trindade. Do mesmo modo que o termo “natureza” é usado na formulação doutrinária da encarnação, “essência” é usado na formulação doutrinária da Trindade. Eles se referem à definição de algo, e a definição de algo muda de acordo com os atributos ou propriedades desse algo. Pessoalidade é novamente definido pela consciência ou intelecto. Agora, a definição de Deus inclui o atributo ontológico da Trindade, e embora exista um só Deus, existem três pessoas divinas ocupando completa e igualmente os mesmos atributos que definem a deidade.

Na encarnação, Deus o Filho tomou sobre si a natureza humana; isto é, ele adicionou à sua pessoa a parte dos atributos que definem o homem. Ele fez isso sem sobrepor uma natureza à outra, de maneira que ambos os atributos permanecem independentes. Assim, sua natureza divina não se misturou à sua natureza humana, e sua natureza humana não foi divinizada por sua natureza divina. Essa formulação também protege a imutabilidade de Deus o Filho, uma vez que a natureza humana não modifica em nada sua natureza divina.

A objeção de que os atributos divino e humano necessariamente se contraditam quando possuídos por uma mesma pessoa falha em não perceber que esses dois atributos são independentes no Deus o Filho. Por exemplo, Cristo não era onisciente em relação a seus atributos humanos, mas era onisciente em relação a seus atributos divinos, e isso é verdade ainda hoje. Seus atributos divinos não divinizaram seus atributos humanos.

Essa formulação doutrinária da encarnação é imune à contradição, desde que nós não afirmemos que Cristo é um e dois ao mesmo tempo e num mesmo sentido. O que afirmamos é que Cristo é uma pessoa com

dois tipos de atributos. Visto que essa formulação não degenera em uma contradição lógica, isto é estabelecido como verdade se pudermos demonstrar que Cristo é tanto Deus quanto homem através de exegese bíblica.

Iremos considerar primeiro algumas passagens que indicam a DEIDADE de Cristo. No início de seu Evangelho, o apóstolo João refere-se a Jesus Cristo como o *logos*, ou a *Palavra*:

“No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus, e era Deus. Ele estava com Deus no princípio. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele; sem ele, nada do que existe teria sido feito.” (João 1:1-3)

O verso 1 começa afirmando a pré-existência de Cristo, dizendo que ele existia antes do evento da criação. O próprio Cristo confessou sua pré-existência em João 8, dizendo, “Eu lhes afirmo que antes de Abraão nascer, Eu Sou” (v.58) A palavra *Deus* (grego: *theos*) nesse verso se refere ao Pai, e “a Palavra estava com Deus” indica que Cristo não é idêntico ao Pai em termos de sua pessoalidade. Contudo, ele não é menos que Deus em termos de seus atributos, pois o verso continua a dizer, “a Palavra era Deus.” Essa é uma indicação explícita da atribuição de deidade a Jesus Cristo. As palavras, “Ele estava com Deus no princípio”, no verso 2, novamente afirmam sua pré-existência e o fato de que ele é distinguível do Pai.

O verso 3 fala de Cristo como o agente da criação, dizendo, “Todas as coisas foram feitas por intermédio dele; sem ele, nada do que existe teria sido feito”. Isso concorda com a cristologia de Paulo, que escreveu em Colossenses 1:16, “Pois nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos ou soberanias, poderes ou autoridades; todas as coisas foram criadas por ele e para ele”. Cristo não somente é o criador do universo, mas ele agora sustenta sua própria existência. Paulo diz que “nele tudo subsiste” (v.17). Foi através de Cristo que Deus “fez o universo” e é também Cristo que “sustenta todas as coisas por sua palavra poderosa” (Hebreus 1:2-3).

Colossenses 2:9 diz, “Pois em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade”. Tito 2:13 diz, “aguardamos a bendita esperança: a gloriosa manifestação de nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo”. Em Hebreus 1:3 lemos, “O Filho é o resplendor da glória de Deus e a expressão exata do seu ser”. Hebreus 1:8 faz uma aplicação messiânica do Salmo 45:6-7, quando Deus diz a Cristo: “O teu trono, ó Deus, subsiste para todo o sempre; cetro de equidade é o cetro do teu Reino”. Assim, o próprio Deus o Pai declara que Jesus é Deus, e diz que seu domínio é “para todo o sempre”. Finalmente, Paulo escreve em Filipenses 2:6 que Cristo, “embora existindo na forma de Deus,” tomou sobre si atributos humanos.

Agora nós veremos algumas passagens que indicam a HUMANIDADE de Cristo. Após afirmar fortemente a deidade de Cristo, o apóstolo João escreve em seu Evangelho: “A Palavra tornou-se carne e viveu entre nós” (João 1:14). Hebreus 2:14 diz, “Portanto, visto que os filhos são pessoas de carne e sangue, ele também participou dessa condição humana, para que, por sua morte, derrotasse aquele que tem o poder da morte...”. Paulo é muito explícito a respeito da humanidade de Cristo quando escreve em 1 Timóteo 2:5: “Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: *o homem* Cristo Jesus”.

Várias passagens na Bíblia indicam que, *em sua natureza humana*, Jesus tinha verdadeiras limitações. Por exemplo, ele esteve “cansado da viagem” em João 4:6, faminto em Mateus 21:18, e sedento em João 19:28. E o mais significativo, “ele sofreu a morte” (Hebreus 2:9) para comprar a salvação para os seus eleitos.

Algumas passagens na Bíblia afirmam ou implicam tanto a divindade quanto a humanidade de Cristo. Por exemplo, João 5:18 diz que os judeus procuravam matar a Jesus porque ele “estava dizendo que Deus era seu próprio Pai, igualando-se a Deus”. Eles o viram como um homem, mas ele reivindicava ser Deus. João 8:56-59 descreve outro conflito semelhante a esse:

‘Abraão, pai de vocês, regozijou-se porque veria o meu dia; ele o viu e alegrou-se’. Disseram-lhe os judeus: ‘Você ainda não tem cinqüenta anos, e viu Abraão?’. Respondeu Jesus: ‘Eu lhes afirmo que antes de Abraão nascer, Eu Sou!’. Então eles apanharam pedras para apedrejá-lo, mas Jesus escondeu-se e saiu do templo.

As pessoas reconheceram que em sua vida humana, Jesus não tinha ainda cinqüenta anos de idade e afirmava conhecer pessoalmente a Abraão. Aqueles que o ouviram não contestaram sua humanidade, mas entenderam que suas palavras continham uma reivindicação de divindade.

Mateus 22:41-45 também afirma que Jesus é tanto Deus quanto homem:

Estando os fariseus reunidos, Jesus lhes perguntou: “O que vocês pensam a respeito do Cristo? De quem ele é filho?”. “É filho de Davi”, responderam eles. Ele lhes disse: “Então, como é que Davi, falando pelo Espírito, o chama ‘Senhor’? Pois ele afirma: ‘O Senhor disse ao meu Senhor: Senta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo de teus pés’. Se, pois, Davi o chama ‘Senhor’, como pode ser ele seu filho”.

Os fariseus reconheceram que o Cristo deveria ser o filho de Davi, e como filho de Davi, Cristo deveria ser humano. Contudo, enquanto

estava “falando pelo Espírito”, de modo que não poderia estar errado, Davi chamou Cristo de “Senhor”, como uma designação de divindade. Portanto, o Cristo deveria ser o descendente humano e o divino Senhor de Davi – Cristo deveria ser Deus e homem.

A VIDA DE CRISTO

Jesus Cristo foi miraculosamente concebido na virgem Maria. Como Mateus 1:18 explica: “Foi assim o nascimento de Jesus Cristo: Maria, sua mãe, estava prometida em casamento a José, mas, antes que se unissem, achou-se grávida pelo Espírito Santo”. O versículo 20 enfatiza que ela não foi engravidada por um homem, mas que a criança veio “do Espírito Santo”. Cristo “nasceu de uma mulher” (Gálatas 4:4), mas antes do que ser concebido pela união de um homem e uma mulher, ele foi concebido pelo “poder do Altíssimo” (Lucas 1:35). Assim, a pessoa nascido era tanto divina como humana.

Diferente de todos os outros seres humanos após Adão, Jesus não tinha culpa imputada ou corrupção herdada. Agora, a Bíblia não diz que a culpa imputada e a corrupção herdada vem somente do pai, e nós sabemos que Maria era pecadora assim como o resto da humanidade. Embora a concepção virginal testifique que ele não era um ser humano ordinário, por si mesma ela era insuficiente para proteger a criança de toda contaminação. Portanto, a impecabilidade de Cristo não pode ser devido à concepção virginal somente, mas foi o decreto soberano de Deus de que nenhuma culpa seria imputada sobre Cristo e que nenhuma corrupção seria herdada por ele. O “poder do Altíssimo” não somente causou a concepção de Cristo sem um pai humano, mas também guardou a criança tanto da culpa legal de Adão como da natureza corrupta resultante do pecado. Isso foi assim para que a criança pudesse ser corretamente chamada de “o santo” (Lucas 1:5).

Algumas pessoas argumentam que Cristo deveria ser sujeito tanto ao erro com ao pecado simplesmente por ser uma pessoa humana; a imunidade completa ao pecado significaria que ele não era genuinamente humano. As tendências de cometer enganos e praticar pecados parecem ser intrínsecas ao que significa ser humano. Portanto, dizer que Cristo era humano significa que ele também era propenso ao erro e ao pecado. Se Cristo não fosse sujeito a esses defeitos, ele não teria sido humano. Depois de tudo, essas pessoas reivindicam: “Errar é humano”.

Contudo, essa visão esquece o fato que toda a raça humana existe num estado depravado que é diferente da condição original do homem. Adão e Eva não foram criados pecadores, e, todavia, eles eram plenamente humanos. Isso significa que a pecaminosidade não é um atributo humano essencial. Que o nosso estado pecaminoso é um fator universal da vida humana impede alguns de verem que esse é um fato anormal.

Em outras palavras, é possível ser um ser humano sem culpa imputada e corrupção herdada; contudo, somente Adão, Eva e Jesus nasceram sem pecado.

Isso se relaciona ao que Paulo diz sobre Cristo como o “último Adão” ou o “segundo homem” (1 Coríntios 15:45, 47). O “primeiro homem”, Adão, como um cabeça federal representando todo membro pertencente ao grupo de pessoas atribuídas a ele na mente de Deus, a saber, a raça humana. O “segundo homem”, Jesus, também foi um cabeça federal, e representou todo membro pertencente ao grupo de pessoas atribuídas a ele na mente de Deus, a saber, os eleitos.

Quando ao ministério de Jesus, ele foi caracterizado pela pregação, ensino e cura:

Jesus foi por toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas deles, pregando as boas novas do Reino e curando todas as enfermidades e doenças entre o povo. (Mateus 4:23)

Jesus ia passando por todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando as boas novas do Reino e curando todas as enfermidades e doenças. (Mateus 9:35)

Mas ele disse: “É necessário que eu pregue as boas novas do Reino de Deus noutras cidades também, porque para isso fui enviado”. (Lucas 4:43)

Sua pregação e milagres trouxeram crescente hostilidade de seus inimigos. Após vários anos de ministério, ele foi traído por seu discípulo Judas, e entregue às mãos daqueles que desejam matá-lo. Após um tempo de tratamento severo e injusto pelos oficiais judeus e soldados romanos, ele foi sentenciado à morte através de crucificação por Pilatos. Jesus morreu na cruz, e até mesmo sua morte testificou o que ele era: “Quando o centurião que estava em frente de Jesus ouviu o seu brado e viu como ele morreu, disse: ‘Realmente este homem era o Filho de Deus!’ ” (Marcos 15:39).

Jesus tinha um corpo humano real, e sua morte foi literal e física. Os evangelhos deixam claro que ele morreu de fato:

Vieram, então, os soldados e quebraram as pernas do primeiro homem que fora crucificado com Jesus e em seguida as do outro. Mas quando chegaram a Jesus, constatando que já estava morto, não lhe quebraram as pernas. Em vez disso, um dos soldados perfurou o lado de Jesus com uma lança, e logo saiu sangue e água. (João 19:32-34)

Os soldados romanos eram bem-treinados, e sem dúvida tinham realizado diversas crucificações antes dessa; eles poderiam facilmente

determinar se suas vítimas estavam mortas ou vivas. Quando eles descobriam que Jesus “já estava morto” (João 19:33), eles não viram nenhuma necessidade de quebrar suas pernas para apressar a sua morte. Mas apenas para se certificar, um dos soldados perfurou o seu lado, do qual “saiu sangue e água” (João 19:34), provando sua morte de um ponto de vista médico.

Assim como a morte de Cristo foi literal e física, assim foi a sua ressurreição. A Bíblia registra que Cristo ressuscitou dentre os mortos ao terceiro dia de sua morte. Ele ressuscitou com o mesmo corpo que ele tinha antes, mas transformado e aprimorado. Paulo escreve que os cristãos também receberão tal corpo quando Jesus retornar e ressuscitar os mortos: “Assim será com a ressurreição dos mortos. O corpo que é semeado é perecível e ressuscita imperecível” (1 Coríntios 15:42). Em todo caso, o corpo ressurreto ou “glorificado” ainda poderia manifestar funções no mundo físico, de forma que quando Jesus apareceu aos seus discípulos, ele lhes disse: “Vejam as minhas mãos e os meus pés. Sou eu mesmo! Toquem-me e vejam; um espírito não tem carne nem ossos, como vocês estão vendo que eu tenho” (Lucas 24:39).

Após sua ressurreição, Jesus apareceu aos seus discípulos diversas vezes num período de quarenta dias, mostrando-lhes “muitas provas infalíveis” (Atos 1:3, KJV) de que ele estava vivo. Então, a Bíblia registra que ele foi elevado ao céu e que foi lhe dada uma posição de autoridade pelo Pai: “Tendo dito isso, foi elevado às alturas enquanto eles olhavam, e uma nuvem o encobriu da vista deles” (Atos 1:9); “Depois de lhes ter falado, o Senhor Jesus foi elevado aos céus e assentou-se à direita de Deus” (Marcos 16:19).

A OBRA DE CRISTO

A obra de Jesus Cristo é usualmente caracterizada pela EXPIAÇÃO que ele obteve pelos eleitos. A natureza da expiação é uma de morte penal substitutiva. Paulo escreve, “o salário do pecado é a morte” (Romanos 6:23), mas ao invés de requerer nossa própria morte, Deus enviou Jesus Cristo para pagar por nossos pecados levando a nossa culpa e morrendo na cruz em nosso lugar.

Uma questão com respeito à expiação é se a morte substitutiva de Cristo era necessária para redimir os pecadores. Duas respostas significativas a essa pergunta são as visões da NECESSIDADE HIPOTÉTICA e a NECESSIDADE CONSEQUENTE E ABSOLUTA da expiação. John Murray explica essas duas visões da seguinte forma:

O conceito conhecido como *necessidade hipotética* assevera que Deus podia perdoar o pecado e salvar os seus eleitos sem expiação ou satisfação — outros meios estavam disponíveis a Deus a quem todas as coisas são possíveis. Porém, a forma de

sacrifício vicário do Filho de Deus foi simplesmente o meio que Deus, em sua graça e sabedoria soberanas, escolheu, porque este é o meio pelo qual o maior número de vantagens concorrem, e o meio pelo qual a graça é mais maravilhosamente revelada...

Chamamos o outro conceito de necessidade *conseqüente e absoluta*. A palavra “conseqüente”, nessa designação, se refere ao fato de que a vontade de Deus ou decreto para salvar alguém é de livre e soberana graça. A salvação de homens perdidos não foi uma necessidade absoluta, e, sim, a expressão do beneplácito de Deus. Os termos “necessidade absoluta”, porém, indicam que Deus, tendo elegido alguns para vida eterna, segundo o livre beneplácito, se sentiu na obrigação de cumprir esse propósito através do sacrifício do seu próprio Filho, uma obrigação que emanou das perfeições de sua própria natureza.¹

Se apenas essas duas opções estivessem disponíveis, a necessidade conseqüente absoluta seria preferível. A expiação não era necessária no sentido de que Deus teria que salvar alguém. Pedro escreve: “Pois Deus não poupou os anjos que pecaram, mas os lançou no inferno, prendendo-os em abismos tenebrosos a fim de serem reservados para o juízo” (2 Pedro 2:4). Assim como não foi necessário que um Deus amoroso salvasse os anjos do pecado, ele também não estava obrigado a salvar o homem por sua própria natureza ou algo externo a ele. Todavia, por causa do seu amor pelos eleitos, Deus enviou Jesus Cristo para salvar pecadores, embora ele não estivesse obrigado a fazê-lo.

Embora não fosse necessário que Deus salvasse pecadores, uma vez que a decisão foi feita, a morte de Jesus se tornou necessária para pagar o preço pelos pecados dos homens. Com referência à sua morte, Jesus orou: “Meu Pai, *se for possível*, afasta de mim este cálice; contudo, não seja como eu quero, mas sim como tu queres” (Mateus 26:39). Ele pediu que se fosse de alguma forma possível, que os efeitos pretendidos pela expiação fossem realizados de outra forma, enquanto insistindo que, de qualquer forma, a vontade de Deus fosse feita. Após orar dessa forma: “Apareceu-lhe então um anjo do céu que o fortalecia” (Lucas 22:43). A vontade do Pai era que Jesus completasse a obra da expiação, implicando assim que a morte de Cristo era inevitável para alcançar os resultados pretendidos. Após sua ressurreição, Jesus disse aos seus discípulos: “Não era *necessário* o Cristo sofrer estas coisas e entrar na sua glória?” (Lucas 24:26, NASB), implicando que esse era realmente o único caminho.

Podemos prosseguir adiante para inquirir o porquê a morte de Cristo era o único caminho. Se não houvesse nenhuma expiação, todos morreriam por seus próprios pecados (João 8:24), e a Bíblia indica que

¹ John Murray, *Redemption – Accomplished and Applied*; Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1955; p. 11-12.

o castigo seria tortuoso e sem fim. Uma pessoa pode ser livre de receber o justo castigo somente se outra morrer em seu lugar. Mas um ser humano pecador não pode morrer para redimir outro, visto que qualquer pecador que sofresse a ira de Deus estaria fazendo isso apenas por causa dos seus próprios pecados. Assim, a expiação exigia uma oferenda perfeita e inocente. Embora Deus tivesse instituído a prática do sacrifício animal na Antiga Aliança, ela somente antecipava a morte expiatória de Cristo, visto que “é impossível que o sangue de touros e bodes tire pecados” (Hebreus 10:4). Portanto, Cristo era o único sacrifício aceitável e suficiente.

A necessidade conseqüente absoluta é a “posição protestante clássica”,² mas há uma resposta melhor para a questão da necessidade da expiação. A partir da perspectiva do supralapsarianismo,³ o decreto para redimir o eleito é logicamente anterior ao decreto da queda do homem:

1. A eleição de alguns pecadores para a salvação em Cristo; a reprovação do resto da humanidade pecadora.
2. A aplicação da obra redentora de Cristo aos pecadores eleitos.
3. A redenção dos pecadores eleitos pela obra de Cristo.
4. A queda do homem.
5. A criação do mundo e do homem.

A obra redentora de Cristo não foi uma reação ao pecado do homem; antes, Deus decretou a queda do homem de forma que a expiação pudesse ocorrer.

Cristo foi “escolhido *antes* da criação do mundo” (1 Pedro 1:20) para ser o cordeiro de Deus. Paulo escreve que a “vida eterna” foi “prometida *antes* dos tempos eternos” aos “eleitos de Deus” (Tito 1:1-2), e que Deus escolheu aqueles a quem ele redimiria “antes da criação do mundo” (Efésios 1:4). Deus determinou a identidade dos eleitos, escolheu redimi-los, e selecionou Cristo como o redentor *antes* da criação do mundo.

Visto que Deus é eterno ou atemporal, isso significa que nunca existiu a possibilidade de que Deus não redimiria os seus eleitos através da morte substitutiva de Cristo. De fato, o plano de redenção era logicamente uma certeza mesmo antes de Deus decretar a queda do homem. Portanto, dada a ordem supralapsariana dos decretos eternos, a expiação substitutiva de Cristo era uma NECESSIDADE ABSOLUTA.

Embora muitas pessoas tendam a associar a obra redentora de Cristo somente com sua morte e ressurreição, é impossível ignorar os outros

² Ibid., p. 11.

³ Estabelecemos previamente a verdade do supralapsarianismo como oposto ao infralapsarianismo.

eventos de sua vida quando discutindo a redenção. As ações que Cristo realizou para salvar seus eleitos do pecado não foram limitadas aos eventos após sua prisão, mas incluem aquelas que foram realizadas antes dela. Devemos considerar sua vida inteira como uma cujo propósito foi redimir aqueles a quem Deus lhe deu. Por exemplo, até mesmo seu ato de tomar os atributos humanos para se tornar como nós e se identificar conosco é parte de sua obra redentora.

Portanto, alguns teólogos distinguem entre a OBEDIÊNCIA ATIVA e a OBEDIÊNCIA PASSIVA de Cristo em nosso favor. Ambos esses termos sugerem que ele veio para suceder no ponto onde Adão falhou, a saber, para viver em perfeita obediência para com Deus. Paulo escreve: “E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte, e morte de cruz!” (Filipenses 2:8). Esses dois termos designam os dois aspectos da obediência através da qual Cristo pagou pelos pecados dos eleitos e alcançou para eles justiça perfeita.

A obediência ativa de Cristo refere-se à sua perfeita aderência às leis de Deus em nosso favor. Ele satisfaz completamente as demandas morais de Deus, quem, conseqüentemente, creditou tal justiça àqueles que creriam em Cristo. Romanos 5:19 diz: “Logo, assim como por meio da desobediência de um só homem muitos foram feitos pecadores, assim também, por meio da obediência de um único homem muitos serão feitos justos”. Muitas pessoas tendem a negligenciar esse aspecto da obra redentora de Cristo, mas ela é uma parte necessária do que ele fez pelos eleitos.

Sustentar que Cristo precisava apenas morrer pelos pecados dos eleitos para redimi-los falha em explicar o porquê ele fez tantas outras coisas, tais como obediência à lei de Deus, suportando tentações severas, realizando diversas boas obras e atos de misericórdia, e vivendo uma vida ímpar de justiça. A verdade é que além de nos salvar do pecado, Cristo também mereceu uma justiça positiva em nosso favor.

Isso ajuda a explicar porque somente um breve período de tempo na vida de Jesus consiste de ministério público ativo, enquanto antes ele viveu em relativa obscuridade. Antes de seu ministério público, ele não estava apenas se preparando para a sua obra de pregação e esperando o momento certo. A redenção dos eleitos dependia não somente dos seus anos ou dias finais, mas também da obediência e justiça que ele demonstrou durante toda a sua vida como o cabeça federal dos eleitos. Através do que ele fez antes do seu ministério, durante o seu ministério, e em sua morte e ressurreição, Jesus assegurou uma justiça perfeita para ser creditada àqueles que creriam nele.

A obediência passiva de Cristo refere-se ao seu sofrimento da penalidade dos pecados dos eleitos. O pecado demanda castigo, e a justa penalidade do desafio contra Deus é o tormento sem fim no inferno. Visto que o castigo é sem fim, não há escape ou restauração

para aqueles que estão sob a ira de Deus. Alguém outro teria que morrer no lugar do pecador para o pecador ficar livre e para a justiça de Deus ser satisfeita ao mesmo tempo. Contudo, “todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus” (Romanos 3:23), e assim, nenhum ser humano está qualificado para morrer pelos pecados de outro, visto que cada um é ele mesmo culpado de pecado, e receberia o justo castigo somente por seus próprios pecados, se ele fosse sofrer sob a ira de Deus.

A única solução é um ser humano sem pecado morrer por outro, e assim sofrer verdadeiramente a penalidade do pecado que ele mesmo não merecia. Isso foi o que Jesus fez pelos eleitos: “Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus” (2 Coríntios 5:21). Embora Jesus não tivesse pecado (Hebreus 4:15), ele sofreu como um pecador, visto que Deus soberanamente imputou a culpa dos eleitos sobre ele. Assim, aqueles por quem ele agiu como um cabeça federal — a saber, os eleitos — receberiam sua justiça perfeita também por imputação.

Jesus sofreu muitas coisas durante sua vida terrena. Isso inclui as tentações intensas que ele experimentou de Satanás (Lucas 4:1-14), a oposição contra ele da parte de líderes religiosos (Hebreus 12:3), e o próprio fato de que ele suportou diversas limitações e problemas humanos, tais como fome e cansaço, coisas às quais ele estava imune em sua natureza divina. Isaías 53:3 diz, “Foi desprezado e rejeitado pelos homens, um homem de dores e experimentado no sofrimento”, e o escritos aos Hebreus declara o seguinte:

Ao levar muitos filhos à glória, convinha que Deus, por causa de quem e por meio de quem tudo existe, tornasse perfeito, mediante o sofrimento, o autor da salvação deles... Embora sendo Filho, ele aprendeu a obedecer por meio daquilo que sofreu (Hebreus 2:10, 5:8)

Seus sofrimentos intensificaram do tempo de sua prisão até sua morte sobre a cruz. Essa é a porção de tempo que mais temos em mente quando nos referimos ao sofrimento de Cristo:

Então, os soldados do governador levaram Jesus ao Pretório e reuniram toda a tropa ao seu redor. Tiraram-lhe as vestes e puseram nele um manto vermelho; fizeram uma coroa de espinhos e a colocaram em sua cabeça. Puseram uma vara em sua mão direita e, ajoelhando-se diante dele, zombavam: “Salve, rei dos judeus!” Cuspiram nele e, tirando-lhe a vara, batiam-lhe com ela na cabeça. Depois de terem zombado dele, tiraram-lhe o manto e vestiram-lhe suas próprias roupas. Então o levaram para crucificá-lo. (Mateus 27:27-31)

Embora o que Jesus tenha sofrido aqui foi doloroso e humilhante, e vastamente diferente do tratamento apropriado ao Filho de Deus, ele, todavia, suportou tudo isso pelos seus eleitos. Mas não tinha acabado, pois após tudo isso, “o levaram para crucificá-lo” (v. 31). A crucificação era uma forma de infligir morte que produzia sofrimento extremo para a vítima.

Ainda mais terrível do que a dor física foi o sofrimento espiritual ou psicológico de carregar a culpa dos eleitos. Jesus era perfeitamente santo e sem pecado; ele nunca tinha sentido os efeitos do pecado sobre a consciência. Mas naquela hora Deus imputou sobre ele todo o peso da culpa dos eleitos:

Todos nós, tal qual ovelhas, nos desviamos, cada um de nós se voltou para o seu próprio caminho; e o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós... Por isso eu lhe darei uma porção entre os grandes, e ele dividirá os despojos com os fortes, porquanto ele derramou sua vida até a morte, e foi contado entre os transgressores. Pois ele levou o pecado de muitos, e pelos transgressores intercedeu. (Isaías 53:6,12)

Ele mesmo levou em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, a fim de que morrêssemos para os pecados e vivêssemos para a justiça; por suas feridas vocês foram curados. (1 Pedro 2:24)

Algumas pessoas podem se perguntar o porquê a morte de uma pessoa é suficiente para pagar os pecados de muitas. A resposta é encontrada em Romanos 5:15, 18-19:

Entretanto, não há comparação entre a dádiva e a transgressão. Pois se muitos morreram por causa da transgressão de um só, muito mais a graça de Deus, isto é, a dádiva pela graça de um só homem, Jesus Cristo, transbordou para muitos!

Conseqüentemente, assim como uma só transgressão resultou na condenação de todos os homens, assim também um só ato de justiça resultou na justificação que traz vida a todos os homens. Logo, assim como por meio da desobediência de um só homem muitos foram feitos pecadores, assim também, por meio da obediência de um único homem muitos serão feitos justos.

Assim como Adão representou toda a raça humana quando ele pecou, assim Jesus representou os eleitos em sua perfeita justiça e obra expiatória.

Quanto ao porquê um breve período de castigo foi suficiente para tirar os pecados de tantos indivíduos, e aceito como um substituto suficiente para o castigo sem fim de pecadores, precisamos apenas considerar o

valor do sacrifício e a intensidade do sofrimento. A perfeição de Cristo era tal que Deus aceitou seu sacrifício de uma vez por todas e seu sofrimento em favor dos eleitos como suficiente para obter a “eterna redenção” para eles: “Não por meio de sangue de bodes e novilhos, mas pelo seu próprio sangue, ele entrou no Santo dos Santos, de uma vez por todas, e obteve eterna redenção” (Hebreus 9:12); “Pois também Cristo sofreu pelos pecados uma vez por todas, o justo pelos injustos, para conduzir-nos a Deus. Ele foi morto no corpo, mas vivificado pelo Espírito” (1 Pedro 3:18).

Em todo caso, foi a aceitação soberana de Deus da expiação que determinou e provou sua suficiência. Assim como Adão foi um cabeça e representante federal apropriado e legítimo daqueles que foram identificados com ele na mente de Deus (a raça humana), assim Jesus foi um cabeça e representante federal apropriado e legítimo daqueles que foram identificados com ele na mente de Deus (os eleitos). No final das contas, a expiação foi suficiente e eficaz porque ela satisfaz o próprio padrão de justiça de Deus.

Quanto a extensão ou escopo da expiação, muitas pessoas assumem que Jesus morreu por todo ser humano; contudo, a Bíblia ensina que morreu somente por aqueles a quem Deus tinha escolhido para salvação, isto é, os eleitos. Essa doutrina é frequentemente chamada de EXPIAÇÃO LIMITADA, mas o termo é enganoso, visto que embora somente indivíduos específicos tenham sido escolhidos para salvação, Cristo realmente os salva definitivamente (Hebreus 7:25). Assim, muitos advogados dessa doutrina bíblica mantêm que ela é mais apropriadamente chamada de EXPIAÇÃO PARTICULAR ou EXPIAÇÃO DEFINIDA. Eu considero o termo EXPIAÇÃO ESPECÍFICA EFICAZ como sendo o mais descritivo, como a exposição seguinte da doutrina mostrará.

O desafio popular ao ensino bíblico da expiação definida é a visão que diz que a obra de Cristo tornou a salvação meramente possível para todas as pessoas, mas real para ninguém. A salvação é aplicada a uma pessoa quando ela apropria para si mesma os benefícios da obra redentora de Cristo. Contudo, a Escritura ensina que Cristo alcançou com sucesso a salvação real do pecado para todos por quem a sua obra redentora foi pretendida, e que ele pretendeu assegurar a salvação apenas para os eleitos.

A doutrina da expiação definida está intimamente relacionada com a eleição de indivíduos por Deus para salvação. Embora eu tratarei com a doutrina da eleição em maior detalhe no próximo capítulo, ela já tem sido suficientemente estabelecida nos capítulos anteriores desse livro, de forma que podemos proceder com a suposição de que ela é realmente o que a Bíblia ensina. Isto é, Deus escolheu na eternidade num número de indivíduos para serem salvos, enquanto o resto foi rejeitado. A

expição definida ensina que Cristo veio para morrer somente pelos eleitos, isto é, aqueles a quem Deus escolheu para salvação.

Se Cristo pagou o preço por todos os pecados de cada ser humano, então porque alguém seria condenado? Realmente, há aqueles que ensinam que em sua obra de expiação, Cristo pagou completamente o preço pelos pecados de todo ser humano, e, portanto, ninguém sofrerá a condenação. Essa posição de UNIVERSALISMO é grosseiramente falsa, visto que a Escritura ensina que muitos serão enviados para o inferno pro seus pecados no dia do julgamento. A Escritura ensina que há um inferno eterno e que muitas pessoas serão enviadas de fato para lá. Os versículos abaixo são apenas alguns exemplos:

Se a sua mão ou o seu pé o fizerem tropeçar, corte-os e jogue-os fora. É melhor entrar na vida mutilado ou aleijado do que, tendo as duas mãos ou os dois pés, ser lançado no *fogo eterno*. E se o seu olho o fizer tropeçar, arranque-o e jogue-o fora. É melhor entrar na vida com um só olho do que, tendo os dois olhos, ser lançado *no fogo do inferno*. (Mateus 18:8-9)

Serpentes! Raça de víboras! Como vocês escaparão da condenação ao inferno? (Mateus 23:23)

Então ele dirá aos que estiverem à sua esquerda: ‘Malditos, apartem-se de mim para o *fogo eterno*, preparado para o Diabo e os seus anjos... E estes irão para o *castigo eterno*, mas os justos para a vida eterna’. (Mateus 25:41,46)

No Hades, onde estava sendo *atormetado*, ele olhou para cima e viu Abraão de longe, com Lázaro ao seu lado. Então, chamou-o: “Pai Abraão, tem misericórdia de mim e manda que Lázaro molhe a ponta do dedo na água e refresque a minha língua, porque *estou sofrendo muito neste fogo*...Então eu te suplico, pai: manda Lázaro ir à casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos. Deixa que ele os avise, a fim de que eles não venham também para este *lugar de tormento*”. (Lucas 16:23-24. 27-28)

Mas os covardes, os incrédulos, os depravados, os assassinos, os que cometem imoralidade sexual, os que praticam feitiçaria, os idólatras e todos os mentirosos — o lugar deles será no *lago de fogo que arde com enxofre*. Esta é a segunda morte. (Apocalipse 21:8)

Mas a maioria das pessoas que se opõe à doutrina bíblica da expiação definida não afirma o universalismo real; antes, eles afirmam uma posição que pode ser chamada UNIVERSALISMO HIPOTÉTICO. Eles sustentam que Cristo fez a salvação possível para todos os seres humanos, e que todos deles podem ser salvos apenas se crerem no evangelho. Contudo, se Cristo realmente pagou o preço do pecado por

todos, então porque alguém ainda seria mandado para o inferno? A resposta usual é que uma pessoa deve aceitar pela fé o que Cristo fez, pois embora o preço do pecado tenha sido completamente pago, Deus ainda a condenará caso ela não aceite o que Cristo fez. Mas isso significa que Deus puniria os mesmos pecados duas vezes, uma vez sobre Cristo na cruz, e uma segunda vez sobre a pessoa que cometeu aqueles pecados.

Um pregador tenta escapar desse problema dizendo que o único pecado pelo qual Deus enviará pessoas ao inferno é o pecado da rejeição de Jesus Cristo. Mas essa posição contradiz passagens bíblicas que dizem que Deus de fato levará em conta os pecados pessoais dos réprobos:

Portanto, a ira de Deus é revelada dos céus contra toda impiedade e injustiça dos homens que suprimem a verdade pela injustiça, pois o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. (Romanos 1:18-19)

Porque vocês podem estar certos disto: nenhum imoral, ou impuro, ou ganancioso, que é idólatra, tem herança no Reino de Cristo e de Deus. Ninguém os engane com palavras tolas, pois é por causa dessas coisas que a ira de Deus vem sobre os que vivem na desobediência. (Efésios 5:5-6)

Assim, façam morrer tudo o que pertence à natureza terrena de vocês: imoralidade sexual, impureza, paixão, desejos maus e a ganância, que é idolatria. É por causa dessas coisas que vem a ira de Deus sobre os que vivem na desobediência. (Colossenses 3:5-6)

Também, essa visão que diz que Deus condenará pessoas apenas por sua rejeição de Cristo, e não por seus pecados pessoais, implica que o pecado mais fundamental e mais comum de incredulidade é aquele que Cristo falhou em pagar, tornando assim a sua obra expiatória desesperadamente incompleta. Outro problema é que, visto que a culpa imputada de Adão é por si mesma suficiente para condenar, essa posição desse pregador implica, talvez intencionalmente, que ninguém mais nasceu com a culpa imputada após a obra expiatória de Cristo ter sido completada.

Essa é uma implicação que até mesmo esse pregador não pode aceitar. Todavia, pelo menos ele percebe que a expiação de Cristo fez um pagamento real e completo de pecados, e não um pagamento meramente potencial; contudo, visto que ele insiste em afirmar a expiação universal, sua posição se torna inconsistente e anti-bíblica.

O universalismo real é claramente falso e herético, mas o universalismo hipotético parece para muitas pessoas como a posição que melhor se encaixa com a justiça, visto que todos têm uma chance de ser salvo. Mas como temos estabelecido anteriormente, quando discutindo a

depravação total do homem (Romanos 3:10-12, 23), o homem está num estado de morte espiritual (Efésios 2:1). Se é assim, não há possibilidade de que alguém terá fé positiva em Cristo se deixado por si mesmo. Isso significa que, a menos que Deus escolhesse quem receberia a salvação através da eleição soberana, e os redimisse através da expiação definida, ninguém seria salvo, visto que ninguém aceitaria a Cristo.

Oponentes da expiação definida podem reivindicar que embora todos estejam mortos em pecado, alguns de fato respondem em fé a Cristo, não porque eles foram escolhidos para salvação, mas porque eles decidiram serem salvos por sua própria vontade. Contudo, o próprio significado de morte espiritual torna isso impossível, visto que um homem morto não pode responder ou cooperar com qualquer assistência, ou nem mesmo solicitá-la. Consequentemente, a Bíblia diz que a fé e o arrependimento são coisas que Deus concede como dons aos seus eleitos (Efésios 2:8-9; 2 Timóteo 2:25-26), mas ele não concede isso a todos, e assim “a fé não é de todos” (2 Tessalonicenses 3:2). Visto que a fé em Cristo é o único caminho para salvação, e é Deus quem escolhe a quem ele concede fé e arrependimento, segue-se que é Deus quem escolhe aqueles que recebem a salvação, e não os próprios indivíduos.

Por causa do argumento, assumamos por um momento que embora todos estejam espiritualmente mortos, alguns de fato respondem ao evangelho, em fé, por si mesmos. Mas isso significaria que pessoas espiritualmente mortas na precisam de nenhuma graça especial da parte de Deus para fazer a decisão espiritual mais importante de suas vidas. Como então explicamos por que uma pessoa espiritualmente morta aceitaria a Cristo, enquanto outra da mesma forma espiritualmente morta falharia em fazer o mesmo? Não se segue que aqueles que são capazes de fazer a decisão espiritual positiva são mais justos do que aqueles que não são capazes? Se sim, então teríamos que dizer que Cristo veio salvar somente os indivíduos relativamente justos, e não os relativamente pecadores. Mas isso contradiz a premissa de todo o evangelho.

Dizer que Deus exercer uma quantidade de influência sobre indivíduos para fazer-lhes crer apenas prolonga o problema. Algumas pessoas parece requer uma influência mais forte de Deus do que outras. Mas se Deus exerce uma influência mais forte sobre algumas pessoas do que ele o faz sobre outras, então ele estaria de fato escolhendo quem seria salvo, especialmente se a quantidade de influência exercida não corresponder exatamente ao grau de impiedade nos indivíduos. Por outro lado, se Deus exerce aproximadamente a mesma quantidade de influência sobre indivíduos, então uma vez mais somente as pessoas relativamente justas responderiam, o que novamente significaria que Cristo veio para salvar somente os relativamente justos, uma noção que contradiz o ensino da escritura.

A conclusão necessária é a seguinte. Dado outros aspectos do ensino da Escritura, a EXPIAÇÃO ILIMITADA ou EXPIAÇÃO UNIVERSAL é impossível. Visto que a natureza da expiação envolve pagamento real e completo do pecado, a expiação universal necessariamente equivaleria à salvação universal; contudo, a Escritura ensina que nem todos serão salvos, mas que muitas pessoas se perderão e sofrerão o tormento sem fim no inferno. Portanto, a única possibilidade escriturística é que na eternidade Deus selecionou um grupo definido de indivíduos para serem salvos. Então, em sua obra de expiação, Cristo morreu somente por esses indivíduos, e assim, assegurando a salvação real de cada um deles, não fazendo-a meramente possível. Esse é o porquê a obra redentora de Cristo é uma expiação eficaz e específica.

O acima exposto mostra que a expiação definida é uma implicação necessária de doutrinas bíblicas como sabemos ser verdadeiras. Especificamente, a doutrina da eleição, a expiação como um pagamento completo pelo pecado, e a negação do universalismo real, convergem para tornar a expiação definida uma necessidade lógica. Portanto, que a expiação é específica e eficaz parece ser verdadeiro mesmo sem a evidência escriturística direta; todavia, há muitas passagens que afirmam ou implicam essa doutrina, e nos voltaremos agora para algumas delas. Também discutiremos a reivindicação de que algumas passagens bíblicas parecem ensinar a expiação universal.

Começamos repetindo, a partir da Escritura, que a natureza da expiação é uma de substituição penal, de forma que a morte de Cristo fez um pagamento real e pleno pelos pecados daqueles a quem ele representou:

Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo os colocou como bispos, para pastorearem a igreja de Deus, que *ele comprou com o seu próprio sangue*. (Atos 20:28)

Acaso não sabem que o corpo de vocês é santuário do Espírito Santo que habita em vocês, que lhes foi dado por Deus, e que vocês não são de si mesmos? Vocês foram *comprados por alto preço*. Portanto, glorifiquem a Deus com o seu próprio corpo. (1 Coríntios 6:19-20)

E eles cantavam um cântico novo: “Tu és digno de receber o livro e de abrir os seus selos, pois foste morto, e com teu sangue *compraste para Deus gente* de toda tribo, língua, povo e nação. Tu os constituíste reino e sacerdotes para o nosso Deus, e eles reinarão sobre a terra”. (Apocalipse 5:9-10)

Cristo fez um pagamento completo para comprar aqueles por quem ele morreu; portanto, a linguagem dessas e de outras passagens como essas (Marcos 10:45; 1 Pedro 1:18-19), exclui a conclusão de que ele fez

a salvação meramente possível para aqueles por quem ele morreu, mas que ele fez a salvação real para eles.

Visto que Cristo foi “morto desde a criação do mundo” (Apocalipse 13:8) na mente de Deus, e sua morte lhe deu possessão legal real de todos aqueles por quem ele morreu, as identidades de todos aqueles que seriam salvos tinha sido imutavelmente determinada desde a eternidade. Cristo então veio no tempo histórico para morrer somente por esses indivíduos.

Outra clara indicação da expiação definida vem de João 10:14-15, 25-29, onde Jesus diz o seguinte:

Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem, assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai; *e dou a minha vida pelas ovelhas...*

Jesus respondeu: “Eu já lhes disse, mas vocês não crêem. As obras que eu realizo em nome de meu Pai falam por mim, mas vocês não crêem, *porque* não são minhas ovelhas. As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna, e elas jamais perecerão; ninguém as poderá arrancar da minha mão. Meu Pai, que as deu para mim, é maior do que todos; ninguém as pode arrancar da mão de meu Pai.

Jesus diz, “Eu dou a minha vida pelas ovelhas”, e diz para alguns, “Vocês não crêem, porque não são minhas ovelhas”. Ele veio para morrer pelas ovelhas, mas algumas pessoas não são suas ovelhas; portanto, ele não morreu por todo ser humano. Aqueles que são ovelhas de Cristo pertencem a ele, visto que o Pai “as deu para [ele]”, e todas elas crerão no evangelho, visto que ele diz: “As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem”. Por outro lado, assim como as identidades dos eleitos já tinham sido determinadas na eternidade, não há possibilidade que aqueles que não são suas ovelhas creiam, e assim ele diz: “Vocês não crêem, porque não são minhas ovelhas”. Todos aqueles a quem Deus escolheu crerão, e uma vez salvos eles nunca perderão sua salvação, visto que Jesus diz: “Eu lhes dou a vida eterna, e elas jamais perecerão; ninguém as poderá arrancar da minha mão”. Assim, dentro de diversos versículos, Cristo não somente ensina a doutrina da expiação definida, mas também as doutrinas da eleição, reprovação, e preservação, as quais discutiremos adiante, no próximo capítulo.

Oponentes da expiação definida reivindicam que algumas passagens bíblicas parecem ensinar que a obra redentora de Cristo foi universal, antes do que específica. Aqui eu responderei a duas passagens dessas:

O Senhor não demora em cumprir a sua promessa, como julgam alguns. Ao contrário, ele é paciente com vocês, não querendo que *ninguém* pereça, mas que *todos* cheguem ao arrependimento. (2 Pedro 3:9)

Isso é bom e agradável perante Deus, nosso Salvador, que deseja que *todos os homens* sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade. Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: o homem Cristo Jesus, o qual se entregou a si mesmo *como resgate por todos*. Esse foi o testemunho dado em seu próprio tempo. (1 Timóteo 2:3-6)

Apenas o exegeta mais destreinado e ingênuo assumiria sem argumento que as palavras “todos” e “todos os homens” na Bíblia devem sempre se referir a todos os seres humanos. Podemos encontrar inúmeros exemplos em nosso falar diário no qual o escopo desses termos aparentemente universais são limitados pelo contexto. Contudo, para o nosso caso ser completo, demonstraremos primeiro o uso em exemplos bíblicos, antes de examinar as duas passagens acima.

Jesus diz em Mateus 10:22: “*Todos os homens* odiarão vocês por minha causa, mas aquele que perseverar até o fim será salvo”. Mas a declaração não pretende dizer que todos os seres humanos sem exceção odiariam os discípulos de Cristo, visto que pelo menos os cristãos amariam uns aos outros. Também, podemos assumir que aqueles que não conhecem sobre os cristãos não podem odiá-los. Pode ser verdade que as crenças e as práticas até mesmo daqueles incrédulos que não conhecem nada sobre cristãos equivalham a ódio contra Deus e os cristãos, mas esse não parece ser o intento desse versículo.

O significado do versículo torna-se mais claro quando lemos os versículos que vêm antes e após ele, para obtermos o seu contexto:

O irmão entregará à morte o seu irmão, e o pai, o seu filho; filhos se rebelarão contra seus pais e os matarão. Todos odiarão vocês por minha causa, mas aquele que perseverar até o fim será salvo. Quando forem perseguidos num lugar, fujam para outro. Eu lhes garanto que vocês não terão percorrido todas as cidades de Israel antes que venha o Filho do homem. (Mateus 10:21-23)

Os versículos 21 e 23 contêm informação que restringe o escopo do versículo 22. Parece que as palavras “todos os homens” no versículo 22 se refere primariamente àqueles mencionados nos versículos 21 e 23.

Isto é, “todos os homens” significa todos os tipos de pessoas, tais como

os membros incrédulos da família de alguém e aqueles que rejeitam a mensagem do evangelho ou ouvi-la.⁴

Em Atos 26:4, Paulo diz: “*Todos* os judeus sabem como tenho vivido desde pequeno, tanto em minha terra natal como em Jerusalém”. Ele queria dizer que toda pessoa judia sem exceção o conhecia? O próximo versículo diz: “Eles me conhecem há muito tempo e podem testemunhar, se quiserem, que, como fariseu, vivi de acordo com a seita mais severa da nossa religião” (v. 5). Parece que “*todos*” no versículo 4 não tem a intenção de designar toda pessoa judia sem exceção, mas todos os judeus que eram relevantes para a situação em questão.

Salmo 8:6 diz: “Tu o fizeste dominar sobre as obras das tuas mãos; sob os seus pés *tudo* puseste”. Paulo aplica esse versículo a Cristo em 1 Coríntios 15:27, mas ele explicitamente restringe o significado de “*tudo*”: “Porque ele ‘*tudo* sujeitou debaixo de seus pés’. Ora, quando se diz que ‘*tudo*’ lhe foi sujeito, fica claro que isso não inclui o próprio Deus, que *tudo* submeteu a Cristo”.

Romanos 8:32 é especialmente relevante para a expiação: “Aquele que não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por *todos nós*, como não nos dará juntamente com ele, e de graça, todas as coisas?”. Oponentes da expiação definida podem ser tentados a entender “*todos nós*” como se referindo a todos seres humanos sem exceção, mas os exemplos acima têm mostrado que não devemos assumir isso sem a razão adequada. Devemos permitir que o contexto do versículo dite o escopo das palavras “*todos nós*”.

Paulo indica em Romanos 1:7 que essa carta é endereçada aos cristãos em Roma: “A todos os que em Roma são amados de Deus e chamados para serem santos: A vocês, graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo”. A menos que o contexto imediato amplie o escopo para incluir todos os seres humanos sem exceção, o significado de “*todos nós*” em Romanos 8:32 deve ser restringido por Romanos 1:7.

Mas os próprios versículos que rodeiam Romanos 8:32 restringem o significado de “*todos nós*” em termos explícitos:

Sabemos que Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam, *dos que foram chamados de acordo com o seu propósito...* Aquele que não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós, como não nos dará juntamente com ele, e de graça, todas as coisas? Quem fará alguma acusação *contra os*

⁴ O significado de “*todos os homens*” fica ainda mais restrito quando alguém considera o contexto histórico da passagem. Jesus estava falando aos cristãos do primeiro século, dizendo que eles não terminariam de evangelizar as cidades de Israel antes que ele viesse em julgamento para destruir Jerusalém, em 70 d.C.

escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica. (Romanos 8:28, 32-33)

É claro que as palavras “todos nós” se refere somente a “aqueles a quem Deus escolheu”, ou “os eleitos de Deus” (NASB). Portanto, o versículo 32 não dá nenhum suporte para a expiação universal; antes, ele favorece a expiação definida.

Outro exemplo vem de Atos 2, que começa com uma descrição do que aconteceu no dia de Pentecoste:

Chegando o dia de Pentecoste, estavam todos reunidos num só lugar. De repente veio do céu um som, como de um vento muito forte, e encheu toda a casa na qual estavam assentados. E viram o que parecia línguas de fogo, que se separaram e pousaram sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito os capacitava. (v. 1-4)

Pedro então se levantou para pregar, citando a profecia de Joel: “Nos últimos dias, diz Deus, derramarei do meu Espírito sobre *todos os povos*” (v. 17). Já temos estabelecido que as palavras “todos” e “todos os homens” nem sempre se referem a todos os seres humanos, mas devemos permitir que o contexto dos versículos relevantes restrinja o significado dessas palavras. Esse simples princípio vale tanto para a hermenêutica bíblica como para as conversações ordinárias; é muito tolo e irracional ignorá-lo.

Pedro está aqui falando dentro do contexto da manifestação poderosa do Espírito no dia de Pentecoste, dizendo que Deus derramaria seu Espírito sobre “todos os povos”. Contudo, o escopo do versículo é restringido pelos versículos que o rodeiam, citados abaixo:

Havia em Jerusalém judeus, tementes a Deus, vindos de *todas as nações do mundo*. (v. 5)

Pedro respondeu: “Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos seus pecados, e receberão o dom do Espírito Santo. Pois a promessa é para vocês, para os seus filhos e para todos os que estão longe, *para todos quantos o Senhor, o nosso Deus, chamar*”. (v. 38-39)

As palavras “todos os povos”⁵ são ditas no contexto de se dirigir às pessoas de “todas as nações do mundo”, e assim, a universalidade pretendida aqui é uma de universalidade ética, não uma universalidade absoluta. Isto é, Deus derramaria seu Espírito sobre pessoas de todas etnias, e não apenas sobre judeus. Os versículos 38-39 dizem que a

⁵ Nota do tradutor: Na NIV, versão do autor, Atos 2:17 traz “todas as pessoas”, onde o significado não fica tão claro quanto na NVI, que traz “todos os povos”.

promessa do Espírito é deveras “para todos”; contudo, essas palavras não sinalizam uma universalidade absoluta, mas elas apenas se aplicam “para todos *quantos o Senhor, o nosso Deus, chamar*”, restringindo assim a promessa do evangelho a um grupo selecionado, eleito pela vontade soberana de Deus.

Voltaremos agora para 2 Pedro 3:9 e 1 Timóteo 2:3-6, que são duas das passagens favoritas citadas pelos oponentes da expiação definida:

O Senhor não demora em cumprir a sua promessa, como julgam alguns. Ao contrário, ele é paciente com vocês, não querendo que *ninguém* pereça, mas que *todos* cheguem ao arrependimento. (2 Pedro 3:9)

Isso é bom e agradável perante Deus, nosso Salvador, que deseja que *todos os homens* sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade. Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: o homem Cristo Jesus, o qual se entregou a si mesmo *como resgate por todos os homens*. Esse foi o testemunho dado em seu próprio tempo. (2 Timóteo 2:3-6)

2 Pedro 1:1 indica que Pedro está se dirigindo “àqueles que, mediante a justiça de nosso Deus e Salvador Jesus Cristo, receberam conosco uma fé igualmente valiosa”, e 2 Pedro 3:8 refere-se aos “amados”, que é um termos designando os cristãos. Então, o versículo 9 diz: “Ele é paciente com vocês, não querendo que *ninguém* pereça, mas que *todos* cheguem ao arrependimento”. A palavra “vocês” aqui obviamente se refere ao grupo ao qual os crentes pertencem, e não aos incrédulos. Portanto, o versículo está dizendo que o Senhor tarda para que os eleitos tenham tempo de se tornarem cristãos.

1 Timóteo 2:3-6 diz que Deus “deseja que todos os homens sejam salvos”, e que Cristo “entregou a si mesmo como resgate por todos os homens”. Agora, já temos estabelecido que as palavras “todos” e “todos os homens” nem sempre se referem a todos os seres humanos, e temos estabelecido também a doutrina da expiação definida apelando a outras passagens bíblicas; portanto, não devemos assumir que essa passagem ensine a expiação universal. De fato, visto que outras passagens tornam a expiação universal impossível, podemos assumir que essa passagem não a ensina.

Todavia, assim como as outras passagens, há evidência direta a partir do contexto da passagem indicando que Paulo não quer dizer todos os seres humanos quando ele escreve “todos os homens”.

Os versículos 1 e 2 dizem: “Antes de tudo, recomendo que se façam súplicas, orações, intercessões e ações de graças *por todos os homens*; pelos reis e por todos os que exercem autoridade, para que tenhamos uma vida tranqüila e pacífica, com toda a piedade e dignidade”. Paulo

diz que os crentes deveriam orar “por todos os homens”, e continua para explicar que por “todos os homens” ele quer dizer “reis e todos os que exercem autoridade”. Portanto, por “todos os homens” Paulo pretende designar tipos ou grupos de pessoas — os cristãos devem orar por todos os tipos de pessoas.

Apocalipse 5:9-10 foi anteriormente citado para mostrar que a natureza da expiação envolve uma aquisição real e completa por Cristo daqueles por quem ele morreu, mas os mesmos versículos também sugerem que a universalidade da expiação não é uma universalidade absoluta, mas somente uma universalidade étnica:

E eles cantavam um cântico novo: “Tu és digno de receber o livro e de abrir os seus selos, pois foste morto, e com teu sangue *compraste* para Deus *gente de toda tribo, língua, povo e nação*. Tu os constituíste reino e sacerdotes para o nosso Deus, e eles reinarão sobre a terra”.

A Bíblia consistentemente ensina que a expiação é universal somente no sentido de que Cristo morreu por pessoas de todas etnias e classes sociais; nenhuma passagem ensina que ele morreu por todos os seres humanos. Visto que a expiação não é um pagamento meramente potencial de pecados, mas um pagamento real de pecados, aqueles por quem ele morreu certamente serão salvos. Assim, as boas novas é que “a graça de Deus se manifestou salvadora a *todos os homens*” (Tito 2:11), e não apenas aos judeus.

As “boas novas” do Cristianismo nunca foram que Cristo morreu para salvar todo ser humano, mas que ele morreu para salvar gente “de toda tribo, língua, povo e nação”. A grandeza da expiação de Cristo é que seus efeitos não são limitados por fronteiras étnicas e sociais: “Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus” (Gálatas 3:28). Essas são as boas novas, e é assim como devemos entender as passagens bíblicas que dizem que Cristo morreu por todos.

Um anjo diz a José em Mateus 1:21: “[Maria] dará à luz um filho, e você deverá dar-lhe o nome de Jesus, porque ele *salvará o seu povo* dos seus pecados”. A doutrina da expiação definida toma seriamente esse versículo e muitos outros como ele, afirmando que Jesus veio para realmente *salvar* e não para fazer a salvação meramente possível, e que ele veio para salvar *o seu povo* e não aqueles a quem Deus não escolheu. Assim, a obra redentora de Cristo consiste de uma expiação eficaz e específica.

A SUPREMACIA DE CRISTO

Paulo escreve que após Cristo sofrer um tempo de grande humilhação, Deus o exaltou à mais alta posição:

Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus, que, embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens. E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte, e morte de cruz! Por isso Deus o exaltou à mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai. (Filipenses 2:5-11)

Oro também para que os olhos do coração de vocês sejam iluminados, a fim de que vocês conheçam a esperança para a qual ele os chamou, as riquezas da gloriosa herança dele nos santos e a incomparável grandeza do seu poder para conosco, os que cremos, conforme a atuação da sua poderosa força. Esse poder ele exerceu em Cristo, ressuscitando-o dos mortos e fazendo-o assentar-se à sua direita, nas regiões celestiais, muito acima de todo governo e autoridade, poder e domínio, e de todo nome que se possa mencionar, não apenas nesta era, mas também na que há de vir. Deus colocou todas as coisas debaixo de seus pés e o designou cabeça de todas as coisas para a igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que enche todas as coisas, em toda e qualquer circunstância. (Efésios 1:18-23)

Assim, a Bíblia ensina que Cristo está num estado de exaltação sob o Pai, inigualável por ninguém mais:

Porque ele “tudo sujeitou debaixo de seus pés”^c. Ora, quando se diz que “tudo” lhe foi sujeito, fica claro que isso não inclui o próprio Deus, que tudo submeteu a Cristo. Quando, porém, tudo lhe estiver sujeito, então o próprio Filho se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, a fim de que Deus seja tudo em todos. (1 Coríntios 15:27-28)

Romanos 14:9 diz: “Cristo morreu e voltou a viver, para ser Senhor de vivos e de mortos”. Uma confissão cristã primitiva era: “Jesus é o Senhor” (Romanos 10:9; 1 Coríntios 12:3), e o próprio Jesus diz aos seus em Mateus 28:18: “Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra”.

A *supremacia* de Cristo ilustrada pelas passagens bíblicas implicam a *suficiência* de Cristo. Paulo diz em Colossenses 1:18 que em tudo Cristo tem “a supremacia”, depois do que ele adiciona: “Pois foi do agrado de

Deus que nele habitasse toda a plenitude” (v. 19). Essa “plenitude” inclui “todas as bênçãos espirituais” (Efésios 1:3) e “todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento” (Colossenses 2:3). Não há mancha ou carência nele: “Pois em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade, e, por estarem nele, que é o Cabeça de todo poder e autoridade, vocês receberam a plenitude” (Colossenses 2:9-10).

A suficiência de Cristo implica que através dele temos “tudo de que necessitamos para a vida e para a piedade” (2 Pedro 1:3), e não há necessidade de procurar outras fontes de poder e orientação espiritual além das que estão disponíveis através de Cristo. Todavia, muitos cristos professos em nossos dias estão procurando ajuda a partir de fontes ilegítimas quando as soluções para os seus problemas estão prontamente disponíveis através da oração em nome de Jesus e do conhecimento da Escritura.

Muitas pessoas que reivindicam ser cristãs, todavia, se tornam envolvidas com práticas ocultas tais como astrologia, horóscopo, necromancia e todas as variedades de adivinhação. Mas essas coisas são proibidas por Deus.

Não pratiquem adivinhação nem feitiçaria. (Levítico 19:26)

Não recorram aos médiuns, nem busquem a quem consulta espíritos, pois vocês serão contaminados por eles. Eu sou o SENHOR, o Deus de vocês. (Levítico 19:31)

Voltarei o meu rosto contra quem consulta espíritos e contra quem procurar médiuns para segui-los, prostituindo-se com eles. Eu o eliminarei do meio do seu povo. (Levítico 20:6)

Os homens ou mulheres que, entre vocês, forem médiuns ou consultarem os espíritos, terão que ser executados. Serão apedrejados, pois merecem a morte. (Levítico 20:27)

Não permitam que se ache alguém entre vocês que queime em sacrifício o seu filho ou a sua filha; que pratique adivinhação, ou se dedique à magia, ou faça presságios, ou pratique feitiçaria ou faça encantamentos; que seja médium, consulte os espíritos ou consulte os mortos. O SENHOR tem repugnância por quem pratica essas coisas, e é por causa dessas abominações que o SENHOR, o seu Deus, vai expulsar aquelas nações da presença de vocês. (Deuteronômio 18:10-12)

Saul morreu dessa forma porque foi infiel ao SENHOR; não foi obediente à palavra do SENHOR e chegou a consultar um médium em busca de orientação, em vez de consultar o SENHOR. Por isso o SENHOR o entregou à morte e deu o reino a Davi, filho de Jessé. (1 Crônicas 10:13-14)

No dia do julgamento, nenhum astrólogo ou médium poderá salvar os seus seguidores do inferno, e certamente eles mesmos serão condenados:

Continue, então, com suas palavras mágicas de encantamento e com suas muitas feitiçarias, nas quais você tem se afadigado desde a infância. Talvez você consiga, talvez provoque pavor. Todos os conselhos que você recebeu só a deixaram extenuada! Deixe seus astrólogos se apresentarem, aqueles fitadores de estrelas que fazem previsões de mês a mês, que eles a salvem daquilo que está vindo sobre você; sem dúvida eles são como restolho; o fogo os consumirá. Eles não podem nem mesmo salvar-se do poder das chamas. Aqui não existem brasas para aquecer ninguém; não há fogueira para a gente sentar-se ao lado. Isso é tudo o que eles podem fazer por você, esses com quem você se afadigou e com quem teve negócios escusos desde a infância. Cada um deles prossegue em seu erro; não há ninguém que possa salvá-la. (Isaiás 47:12-15)

Ora, as obras da carne são manifestas: imoralidade sexual, impureza e libertinagem; idolatria e *feitiçaria*; ódio, discórdia, ciúmes, ira, egoísmo, dissensões, facções e inveja; embriaguez, orgias e coisas semelhantes. Eu os advirto, como antes já os adverti: Aqueles que praticam essas coisas não herdarão o Reino de Deus. (Gálatas 5:19-21)

Mas os covardes, os incrédulos, os depravados, os assassinos, os que cometem imoralidade sexual, os que *praticam feitiçaria*, os idólatras e todos os mentirosos — o lugar deles será no lago de fogo que arde com enxofre. Esta é a segunda morte. (Apocalipse 21:8)

Alguém que procura assistência ou conselho espiritual aperte daquelas fontes aprovadas pela Escritura, se torna uma prostituta espiritual, e comete adultério contra Deus. A Bíblia reserva alguns dos termos mais fortes na condenação contra tais pessoas. Os cristãos não tem nada a ver com atividades espirituais extra-bíblicas, e aqueles que participam delas tornam a sua profissão de fé questionável.

Isaiás 8:19 diz: “Quando vos disserem: Consultai os necromantes e os adivinhos, que chilreiam e murmuram, acaso, não consultará o povo ao seu Deus? A favor dos vivos se consultarão os mortos?” (ARA). Os cristãos por definição têm confiado toda as suas vidas a Deus, e, portanto, o propósito de obter orientação é, antes de tudo, para conformar suas vidas à sua vontade. Por que, então, deveriam consultar os representantes de Satanás para ordenar as suas vidas em conformidade com a vontade de Deus?

Os cristãos devem obter orientação somente das fontes aprovadas pela Escritura. Certamente, alguém pode buscar conhecimento a partir de líderes sábios da igreja, mas até mesmo a autoridade e direção deles são legítimas somente na extensão em que elas são derivadas da Escritura. Assim, nesse próprio sentido real, a Escritura sozinha é suficiente.

Pessoas cometem adultério espiritual não porque elas examinaram a revelação verbal de Deus e a acharam inadequada; antes, eles nunca tomam o esforço para ganhar a sabedoria de Deus sobre o assunto em questão estudando a Escritura. Cristo é indubitavelmente suficiente para tudo da vida, mas o apóstolo Pedro explica que é obtendo *conhecimento* sobre as coisas de Deus que podemos andar nas provisões que ele nos tem dado:

Graça e paz lhes sejam multiplicadas, pelo *pleno conhecimento* de Deus e de Jesus, o nosso Senhor. Seu divino poder nos deu tudo de que necessitamos para a vida e para a piedade, por meio do *pleno conhecimento* daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude. (2 Pedro 1:2-3)

Esse é o porquê o estudo de teologia é a atividade humana mais importante. Contudo, por causa da preguiça e impiedade deles, muitas pessoas preferem gastar o tempo consultando fontes que são proibidas por Deus. O envolvimento com práticas ocultas é razão adequada para excomunhão; negligência na disciplina da igreja somente permite que tais abominações para aumentem e se espalhem.

A *suficiência* de Cristo, conseqüentemente, implica a *exclusividade* de Cristo. Isso significa que Cristo é o único caminho para salvação, e que o Cristianismo é a única religião ou cosmovisão verdadeira:

O SENHOR será rei de toda a terra. Naquele dia haverá um só SENHOR e o seu nome será o único nome. (Zacarias 14:9)

Quem nele crê não é condenado, mas quem não crê já está condenado, por não crer no nome do Filho Unigênito de Deus. (João 3:18)

Respondeu Jesus: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim”. (João 14:6)

Não há salvação em nenhum outro, pois, debaixo do céu não há nenhum outro nome dado aos homens pelo qual devemos ser salvos. (Atos 4:12)

Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: o homem Cristo Jesus. (1 Timóteo 2:5)

Quem tem o Filho, tem a vida; quem não tem o Filho de Deus, não tem a vida. (1 João 5:12)

Todos os outros líderes espirituais são indignos de adoração, e aqueles que aceitam ou demandam adoração mentirosos e fraudulentos. Todas as religiões e cosmovisões não-cristãs são falsas, incluindo aquelas que retêm o nome de Cristianismo sem sustentar a ortodoxia bíblica; todas elas levam à condenação eterna e castigo sem fim no inferno.

Jesus chamou a si mesmo de “o caminho” — não há muitos caminhos para Deus. Jesus chama a si mesmo de “a verdade” — a verdade não é relativa ou mutável. Há somente um ser eterno que é a verdade, e os escritores do Novo Testamento identificam Cristo como esse *logos*, ou o eterno e imutável princípio de razão e ordem no universo (João 1:1; Colossenses 1:17; Hebreus 1:1-3, 13:8). Portanto, Jesus chama a si mesmo de “a vida” — todas as outras opções levam à morte e tormento eterno. Ninguém pode rejeitar Jesus Cristo e ao mesmo tempo encontrar Deus e a vida; aparte dele só há desespero, morte e condenação.

Jesus diz em Mateus 12:30: “Aquele que não está comigo, está contra mim; e aquele que comigo não ajunta, espalha”. Qualquer religião ou cosmovisão que não afirme a ortodoxia bíblica total é anti-cristã. Algumas religiões reivindicam elevar Jesus Cristo, mas eles o admiram somente como um exemplo de moralidade ou iluminação mística. Contudo, a fé bíblica demanda a afirmação e adoração do Cristo completo e não-adulterado. Isso equivale à crença em sua pré-existência e deidade, nascimento virginal, encarnação e humanidade, vida e ministério terreno, expiação através do sofrimento e morte substitutiva, e sua ressurreição física.

O Cristo da Escritura é Deus manifesto em carne humana. Ele é completamente Deus e completamente homem. O apóstolo João testifica: “Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós. Vimos a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade” (João 1:14). Ele também nos dá uma advertência em 1 João 4:2-3:

Vocês podem reconhecer o Espírito de Deus deste modo: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne procede de Deus; mas todo espírito que não confessa Jesus não procede de Deus. Esse é o espírito do anticristo, acerca do qual vocês ouviram que está vindo, e agora já está no mundo.

O verdadeiro Cristo é o Jesus histórico de Nazaré. Paulo nos dá um sumário do evangelho em 1 Coríntios 15:1-8, colocando grande ênfase sobre a natureza histórica da obra redentora de Cristo.

Irmãos, quero lembrar-lhes o evangelho que lhes preguei, o qual vocês receberam e no qual estão firmes. Por meio deste evangelho vocês são salvos, desde que se apeguem firmemente à palavra que lhes preguei; caso contrário, vocês têm crido em vão. Pois o que primeiramente lhes transmiti foi o que recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, foi sepultado e ressuscitou no terceiro dia, segundo as Escrituras, e apareceu a Pedro e depois aos Doze. Depois disso apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma só vez, a maioria dos quais ainda vive, embora alguns já tenham adormecido. Depois apareceu a Tiago e, então, a todos os apóstolos; depois destes apareceu também a mim, como a um que nasceu fora de tempo.

A fé no Jesus histórico e na sua obra de é de “importância primária” (v. 3, NIV). O apóstolo declara que é “por meio deste evangelho [que] vocês são salvos”, e que devemos nos “apegar firmemente” a ele. O Cristo bíblico não é uma figura mística ou ideológica, mas a segunda pessoa do Deus Triuno manifesta no tempo e espaço. Sua morte, sepultamento, ressurreição e ascensão foram eventos históricos com significância espiritual, e não simbólicos ou mitológicos. Pedro diz: “De fato, não seguimos fábulas engenhosamente inventadas, quando lhes falamos a respeito do poder e da vinda de nosso Senhor Jesus Cristo; ao contrário, nós fomos testemunhas oculares da sua majestade” (2 Pedro 1:16).

Há várias religiões falsas nas quais Cristo é apresentado como pouco menos do que um símbolo ideológico ou exemplo moral. Na maioria ele é reconhecido como um verdadeiro profeta, mas não como Deus o Filho. Mas qualquer religião que não afirme a pessoa e obra de Cristo no sentido bíblico e histórico é do anticristo. Um Cristo simbólico que não é nada mais do que uma idéia e roubo de sua obra redentora realizada na história não pode salvar ninguém. Um Cristo que não é completamente Deus e completamente homem não é o Cristo bíblico de forma alguma.

O Cristianismo deve sustentar a supremacia e exclusividade de Cristo. Contudo, os fundadores de algumas religiões não-cristãs têm se declarado como os últimos profetas da parte de Deus; eles reivindicam que eles substituem a autoridade de Cristo e que eles têm a autoridade de adicionar algo à revelação bíblica. Embora alguns desses que vieram após Cristo reivindicuem, cada um deles, ser o profeta final, outros se levantaram e declararam os anteriores como sendo obsoletos, que eles eram agora a voz autoritativa de Deus para a humanidade, e que eram os únicos verdadeiramente iluminados.

O estudante de apologética ou religião comparativa deve honrar a Deus examinando os erros e contradições dentro desses falsos sistemas de pensamento, e aniquilando totalmente suas reivindicações de verdade.

Todas as religiões falsas, tais como Islamismo, Mormonismo e Budismo, são facilmente demonstradas como sendo tolas e incoerentes.

Agora, Paulo diz o seguinte:

Esforço-me para que eles sejam fortalecidos em seu coração, estejam unidos em amor e alcancem toda a riqueza do pleno entendimento, a fim de conhecerem plenamente o mistério de Deus, a saber, Cristo. Nele estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento.... Pois foi do agrado de Deus que nele habitasse toda a plenitude. (Colossenses 2:2-3, 1:19)

Em Cristo estão “ocultos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento”. Certamente, isso tem que ser verdadeiro se Jesus é o Deus onisciente. Cristo possui toda sabedoria e conhecimento, e ele “se tornou sabedoria de Deus para nós” (1 Coríntios 1:30).

Nenhum profeta anterior reivindicou ter possuído “todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento” ou ter sido a encarnação de Deus. Como Hebreus 1:1-3 diz:

Há muito tempo Deus falou muitas vezes e de várias maneiras aos nossos antepassados por meio dos profetas, mas nestes últimos dias falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e por meio de quem fez o universo. O Filho é o resplendor da glória de Deus e a expressão exata do seu ser, sustentando todas as coisas por sua palavra poderosa. Depois de ter realizado a purificação dos pecados, ele se assentou à direita da Majestade nas alturas.

Deus falou através dos profetas no passado, mas agora ele tem falado através do seu Filho, em quem estão “ocultos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento”. Ele é também aquele que criou e até agora sustenta o universo. Portanto, o Cristo bíblico tem conhecimento exaustivo de todas as coisas.

Se toda sabedoria e conhecimento estão em Cristo, então diferentemente dos profetas que vieram antes dele, ele foi a revelação completa e final de Deus para a humanidade. Visto que ele era a expressão completa de Deus (Hebreus 1:3), não há nada que alguém após ele possa revelar, que já não esteja em Cristo. Tanto os profetas antes de Cristo e os apóstolos depois Cristo proclamaram-lhe como a revelação completa de Deus, e nenhum escritor bíblico reivindicou substituí-lo. Visto que Cristo é a expressão ou revelação completa de Deus, não há ninguém após ele que possa corretamente reivindicar ser seu equivalente ou superior, nem pode alguém oferecer “revelações” que contradigam, atualizem ou substituam a revelação cristã na Escritura.

É estranho que muitos dos profetas que reivindicaram substituir Cristo, ao mesmo tempo tentaram honrá-lo como um verdadeiro profeta de Deus. Contudo, essa pessoa que a quem eles reconhecem ter vindo de Deus também disse: “Quem me vê, vê o Pai” (João 14:9). Jesus era a revelação perfeita e completa de Deus porque ele era o próprio Deus. Como então pode alguma vez existir um mensageiro ou revelação maior, mais atual e relevante?

Se alguém admite que o Cristianismo é verdadeiro, então ele deve confessar também que todas as outras religiões e cosmovisões são falsas; de outra forma, ele não estaria admitindo realmente que o Cristianismo é verdadeiro, visto que a exclusividade é integral para ele. Se ele reivindica que o Cristianismo é falso, então ele se distancia da cosmovisão cristã e assume uma outra. Isso gera uma colisão de cosmovisões, dando ao cristão uma oportunidade para aniquilar totalmente as crenças de seus oponentes em debate e para torná-lo um exemplo público.

Ou uma pessoa crê que o Cristianismo é verdadeiro, ou ela crê que ele é falso. Se ela crê que o Cristianismo é verdadeiro, então todas as outras religiões e cosmovisões são falsas; se ela crê que o Cristianismo é falso, então ela deve derrotá-lo no campo de batalha da argumentação racional. Reivindicar que o Cristianismo é somente parcialmente verdadeiro ou mesmo na sua maior parte verdadeiro, é equivalente a dizer que o Cristianismo é falso, visto que o próprio Cristianismo reivindicar ser totalmente verdadeiro em todo aspecto e detalhe.

É popular dizer que há alguma verdade em toda religião, que uma pessoa não deve afirmar sua própria religião à exclusão total das outras, e que uma pessoa sempre deve respeitar a religião das outras. Mas esse é um ato de compromisso covarde. Que até mesmo alguns cristãos professos consideram isso uma opção legítima reflete o comprometimento fraco e não-existente deles para com Cristo, a falta de ensino bíblico apropriado e a falta de disciplina na igreja.

Se uma cosmovisão religiosa é uma revelação de Deus, então nenhum aspecto do sistema pode ser falso ou irrelevante. Deus não revela falsidade, e se ele o fizesse, seria impossível para alguém distinguir a verdade da falsidade. Se uma determinada cosmovisão consiste tanto de proposições verdadeiras como de proposições falsas, ninguém seria capaz de distinguir as verdadeiras das falsas sobre a base dessa própria cosmovisão.

Se alguém distingue o que é verdadeiro do que é falso numa determinada cosmovisão, isso necessariamente implica que ele está pressupondo outra cosmovisão como seu padrão de verdade, a qual ele sabe ou assume ser verdadeira, pela qual ele está agora avaliação a outra cosmovisão em questão. Ele deve assumir seu padrão de verdade como totalmente correto, visto que de outra forma ele não seria capaz

de avaliar se diferentes aspectos de outra cosmovisão são verdadeiros ou falsos. Esse sendo o caso, ele não estaria aprendendo algo da cosmovisão que está sob escrutínio, visto que ele já adotou uma que ele assume como sendo inteiramente verdadeira.

Por exemplo, alguém que testa uma reivindicação de verdade com o “método científico” pressupõe uma cosmovisão na qual tal método para testar uma reivindicação de verdade é assumida ser confiável. Mas se a cosmovisão baseada na qual ele faz essa suposição não é totalmente verdadeira, então ele não pode, antes de tudo, saber se o método científico é confiável. Portanto, uma cosmovisão que é apenas parcialmente verdadeira também é uma cosmovisão inútil; ela colapsa logicamente no ceticismo epistemológico completo, de forma que nenhum conhecimento é possível de forma alguma.

O cristão reivindica que toda a Bíblia é verdadeira, e se toda a sabedoria e conhecimento estão em Cristo, então tudo o que é verdadeiro nas outras religiões e cosmovisões foi roubado do Cristianismo. Se os não-cristãos então reivindicam que tal informação vem da própria cosmovisão deles, eles se tornam plagiários e hipócritas, mesmo de uma perspectiva humana. Mas isso é muito mais sério da perspectiva de Deus:

Portanto, a ira de Deus é revelada dos céus contra toda impiedade e injustiça dos homens que suprimem a verdade pela injustiça, pois o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou... porque, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe renderam graças, mas os seus pensamentos tornaram-se fúteis e o coração insensato deles obscureceu-se. Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos. (Romanos 1:18-19, 21-22)

Paulo afirma que todo ser humano tem um conhecimento inato e inescapável do Deus cristão, mas os não-cristãos recusam reconhecê-lo. Eles não o glorificam ou o agradecem como Deus e criador. Pelo contrário, eles pervertem o conhecimento e tendências inatas deles, resultando em idolatria. Então eles creditam qualquer coisa que é verdadeira no sistema de pensamento deles aos ídolos que eles adoram. Romanos 1:25 diz: “Eles trocaram a verdade de Deus pela mentira, e adoraram e serviram a coisas e seres criados, em lugar do Criador”. Essa condenação se aplica igualmente aos cientistas não-cristãos, bem como aos budistas e mórmons.

Portanto, dizer que as religiões e cosmovisões não-cristãs possuem alguma verdade serve somente para condená-los, e não faz nada para apoiar a credibilidade ou utilidade delas de forma alguma. Todavia, o reconhecimento de que as falsas religiões têm algo verdadeiro a dizer não implica que devemos respeitá-las, mas somente significa que temos pegado-as “em flagrante” no crime deles de roubo espiritual contra Deus. Eles receberam de Deus, e, todavia, o negam.

Não estamos dizendo que Deus se revela de uma forma limitada através das religiões não-cristãs, enquanto ele se revela mais plena e verdadeiramente através da religião cristã. Antes, estamos dizendo que Deus não se revela através de nenhuma religião ou cosmovisão não-cristã, de forma alguma.

Toda pessoa nasce com um conhecimento inato do Deus cristão, mas em desafio contra ele, os não-cristãos suprimem esse conhecimento e constroem suas próprias cosmovisões baseadas sobre premissas não-cristãs. Contudo, eles não podem suprimir completamente todos os traços da verdade cristã e, assim, vemos que todas as religiões e cosmovisões não-cristãs se apropriam de princípios cristãos que são impossíveis de se justificar sobre a base de premissas não-cristãs. Isto é, os princípios cristãos nas suas religiões e cosmovisões não podem ser deduzidos dos seus primeiros princípios não-cristãos. Portanto, qualquer “verdade” nas religiões e cosmovisões não-cristãs é evidência de engano e impiedade, e não evidência de orientação divina genuína.

Eles têm fundido seus “bezerros de ouro” e declarado em alta voz: “Eis aí os seus deuses, ó Israel, que tiraram vocês do Egito!” (Êxodo 32:4)! Contudo, Deus disse: “Eu sou o Senhor; este é o meu nome! Não darei a outro a minha glória nem a imagens o meu louvor” (Isaías 42:8). Antes do que dar a glória devida ao Deus da Bíblia cristã, eles suprimem o conhecimento deles desse Deus verdadeiro, e dão glória aos ídolos em vez disso. Portanto, aderentes de religiões e cosmovisões não-cristãs são “indesculpáveis” (Romanos 1:20).

Deus “faz raiar o seu sol sobre maus e bons e derrama chuva sobre justos e injustos” (Mateus 5:45). Um idólatra falha em dar a glória a quem a glória é devida, visto que ele não recebe chuva e outras provisões de seu ídolo, mas do Deus cristão. Embora Deus tenha lhe dado um conhecimento inato com respeito a si mesmo, a pessoa suprime a verdade por causa de sua impiedade (Romanos 1:18), e escolhe honra um ídolo em vez disso (Romanos 1:21). Da mesma forma, um ateu recebe chuva e outras provisões de Deus, mas ele as credita às causas naturais em vez disso. Por essa razão, a ira de Deus é derramada sobre todos os não-cristãos.

Se Cristo possui toda sabedoria e conhecimento, então o fato de que qualquer não-cristão pode saber que $1 + 1 = 2$ significa que Cristo, que é “a verdadeira luz, que ilumina todos os homens” (João 1:9), lhe deu esse conhecimento. Esse conhecimento não origina ou reside em sua religião ou cosmovisão não-cristã, mas é uma parte integral do sistema cristã. Se ele não dá graças ao Deus cristão por esse conhecimento, então ele está cometendo roubo espiritual e intelectual ao falhar em dar o crédito à fonte apropriada de seu conhecimento.

Por outro lado, os cristãos recebem conhecimento livremente daquele que eles adoram: “É, porém, por iniciativa dele [de Deus] que vocês estão em Cristo Jesus, o qual se tornou sabedoria de Deus para nós” (1 Coríntios 1:30). Visto que Cristo tem um monopólio sobre a verdade, qualquer pessoa que conhece algo, seja o que for, deve seu conhecimento a Cristo, e uma falha em adorá-lo e dar-lhe graças é um pecado que merece o castigo final.

Portanto, segue-se que é pecaminoso para os cristãos dizer que eles podem aprender algo das religiões e cosmovisões não-cristãs. Suponha que uma religião não-cristã tenha dentro dela um pedaço de informação verdadeira. A partir de nossa premissa que Cristo é o possuidor de toda sabedoria e conhecimento, esse pedaço de informação deve necessariamente ser uma verdade “cristã” que essa outra religião roubou, e, portanto, é primeiro uma parte da revelação cristã. Tentar aprender uma verdade cristã a partir de uma fonte não-cristã é irreverente e tolo. Somente a revelação bíblica apresenta a verdade sem mistura ou distorção.

Para revisar uma questão mencionada anteriormente, se um sistema religioso é apenas parcialmente verdadeiro, mas não inteiramente verdadeiro, seria impossível distinguir o verdadeiro do falso sobre a base dessa própria religião. Os cristãos que dizem que outras religiões contêm algumas verdades são capazes de reconhecer essas verdades pelo que elas são, precisamente porque eles já as aprenderam a partir da cosmovisão cristã, a qual eles afirmam ser inteiramente verdadeira; de outra forma, não há forma de perceber a verdadeiro a partir do falso.

Suponha um determinado sistema de pensamento que inclua as seguintes proposições: (1) X é um homem, e (2) X é um contador. Se na realidade (1) é verdade, mas (2) é falso, como alguém afirmará (1) e negará (2), a menos que ele já conheça X? A menos que uma determinada cosmovisão A seja verdadeira em sua inteireza, não há forma de dizer qual proposição é verdadeira sem importar o conhecimento ganho fora do sistema, tal como uma determinada cosmovisão B, em cujo caso o sistema na questão (A) seria avaliado pelo sistema a partir do qual a pessoa obteve o dito conhecimento importado (B). Mas se alguém já obteve esse conhecimento a partir de outro sistema de pensamento (B), como ele está aprendendo a partir desse sistema em questão (A)? Ele está julgando-o, não aprendendo a partir dele.

Não há nada para aprender a partir de uma religião ou cosmovisão que não é inteiramente verdadeira. Alguém pode aprender somente a partir de um sistema de pensamento se o mesmo for verdadeiro em sua inteireza, e então alguém pode usar o conhecimento adquirido para avaliar outro sistema que não é inteiramente verdadeiro, mas não aprender a partir dele. Dizer que uma determinada religião ou

cosmovisão possui “alguma verdade” é, portanto, condená-la como inapropriada para crença, e não louvá-la ou honrá-la.

Não há nada verdadeiro que alguma religião ou cosmovisão não-cristã possa ensinar que não seja primeiramente uma parte do sistema cristão. Toda informação verdadeira e conhecível já está declarada ou implicada na cosmovisão cristã; qualquer informação verdadeira não declara ou implicada pela revelação bíblica é incognoscível. Dizer outra coisa seria negar nossa premissa básica de que toda sabedoria e conhecimento estão em Cristo, em cuja caso podemos questionar, antes de tudo, se a pessoa que está fazendo a negação é uma cristã.

Portanto, eu concluo que não há nada que os cristãos possam aprender a partir dos não-cristãos que já não esteja incluído ou implicado na cosmovisão cristã, sendo a única coisa diferente que a Bíblia revela essas verdades sem impureza ou mistura, e de uma forma que é compreensiva e coerente. Para mim, dizer que outras religiões têm “alguma verdade” é insultá-las — eu estou implicando que o profetas delas são ladrões ímpios, certamente não dignos da confiança e respeito de ninguém.

Paulo diz: “A intenção dessa graça era que agora, mediante a igreja, a multiforme sabedoria de Deus se tornasse conhecida dos poderes e autoridades nas regiões celestiais” (Efésios 3:10). Deus pretende que a igreja o glorifique manifestando sua sabedoria no contexto da proclamação de uma mensagem exclusiva. Ele certamente não pretendeu que a igreja louvasse religiões e cosmovisões não-cristãs pela sabedoria e conhecimento que elas têm roubado de nós, e ainda menos ele pretendeu que a igreja afirmasse a falsidade nas outras religiões e cosmovisões como verdades. As religiões e cosmovisões não-cristãs podem conter diversas proposições verdadeiras — sempre suficientes para torná-las culpadas, mas nunca suficientes para fazer a salvação possível.

A mesma crítica contra as religiões não-cristãs se aplicam às cosmovisões que reivindicam ser não-religiosas. Por exemplo, os cristãos não podem aprender nada a partir da cosmovisão ateísta, a menos que o ateísmo seja verdadeiro sem sua inteireza. O ateu não pode conhecer nada, de forma alguma, se não for por Cristo o *logos*, que facilita o conhecimento e a comunicação entre os homens. Não há nada na cosmovisão não-cristã que possa oferecer alguma verdade ao cristão que já não esteja na cosmovisão cristã.

Por exemplo, um cristão pode obter um gole de água de um ateu, que a tem para oferecer através da coleta de chuva. Mas a chuva não vem de, e não pode ser ultimamente explicada por, nada inerente na cosmovisão ateísta; antes, a chuva vem do Deus cristão. A diferença é que o cristão dá graças a Deus pela água, mas o ateu não, e falha em reconhecer o

verdadeiro Deus que é a fonte última da chuva; o ateu peca e compromete sua alma à condenação eterna.

Da mesma forma, um estudante cristão pode aprender que $1 + 1 = 2$ a partir de um tutor ateu, mas esse pedaço de informação pertence a Cristo, que tem toda sabedoria e conhecimento. O ateu está simplesmente ensinando ao cristão algo que é inerente na cosmovisão cristã, que ele aprendeu do Cristo o *logos* sem dar as devidas graças a Deus. Por outro lado, o cristão reconhece que todo conhecimento pertence a Cristo, e dá graças a Deus por esse pedaço de informação.

Para falar em termos de proposições, todas proposições verdadeiras são, de fato, proposições cristãs — elas são a propriedade de Cristo; portanto, elas são muitos mais apropriadamente e corretamente expressas dentro do contexto da cosmovisão cristã. Assim, dizer que os cristãos podem, de fato, aprender o verdadeiro conhecimento a partir dos não-cristãos, tal como $1 + 1 = 2$, não significa que é desejável assim o fazer, visto que algum grau de distorção e limitação inevitavelmente ocorrerá por causa das pressuposições não-cristãs daqueles que ensinam.

Até mesmo o conhecimento que é aparentemente não-religioso em natureza é melhor expresso e ensinado dentro de um contexto explicitamente cristão. Por exemplo, se Deus é o governador e planejador da história, então um livro-texto sobre as civilizações ocidentais que falha em mencionar a providência divina não é um bom texto de história de forma alguma, visto que ele negligencia o próprio fator que determinar todos os eventos e progressos históricos. Se o que a Escritura diz sobre a criação é verdade, então “No princípio Deus criou os céus e a terra” (Gênesis 1:1) é uma explicação superior para a existência do universo do que qualquer sistema sofisticado de cosmologia que falhe em reconhecê-lo como a causa primeira e sustentadora de tudo o que existe (Colossenses 1:17; Hebreus 1:3). Coisas similares podem ser ditas sobre os campos de economia, literatura, música e até mesmo esporte.

Aquele que insiste em pensar independentemente das proposições bíblicas reveladas por Deus, deve refutar a cosmovisão desafiadora apresentada pelo sistema cristão. Se todas as coisas foram criadas e agora sustentadas pelo divino *logos*, Jesus Cristo, então o próprio pensamento não tem justificação última sem primeiro se pressupor a cosmovisão cristã. O raciocínio não pode nem mesmo ser inteligível sem a existência de uma mente eterna, onipotente, onisciente e racional, de quem nós, que somos feito à imagem de Deus, e, assim, modelados segundo a sua mente, temos recebido as leis da lógica e da gramática. O não-cristão deve mostrar sobre a base de sua cosmovisão, sem tomar emprestado pressuposições cristão, que as leis da lógica não são regras arbitrárias ou nem mesmo convenções; de outra forma, qualquer argumento que ele faça pode ser descartado como baseado sobre regras

arbitrárias ou meras convenções. Falhando em sobrepujar esse obstáculo, o não-cristão não pode nem mesmo debater com o cristão sobre nenhum assunto antes de pressupor a cosmovisão cristã inteira.

Os incrédulos frequentemente acusam a exclusividade dos cristãos como indicando uma falta de amor para com as pessoas. Contudo, a Bíblia ensina que o verdadeiro amor “não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade” (1 Coríntios 13:6). Os cristãos não estão sob nenhuma obrigação de permitir que os não-cristãos definam o significado de amor para nós.

O covarde intelectual que não pode refutar a cosmovisão bíblica diz que os cristãos têm mente fechada, são odiosos e intolerantes. Mas nós rejeitamos todas as religiões e cosmovisões não-cristãs porque elas são falsas. Uma “abertura” que aceitasse a mente tão prontamente quanto assentaria à verdade denuncia uma mente estúpida, depravada e distorcida, e não um sinal de acuidade intelectual ou progresso moral. Os cristãos que corajosamente condenam todas as religiões e cosmovisões não-cristãs como falsas não o fazem porque são intolerantes, mas porque eles crêem na verdade antes do que na mente, e porque eles não são estúpidos.

Portanto, submetamo-nos às seguintes declarações apostólicas:

Se alguém não ama o Senhor, seja amaldiçoado. Vem, Senhor! (1 Coríntios 16:22)

Mas ainda que nós ou um anjo dos céus pregue um evangelho diferente daquele que lhes pregamos, que seja amaldiçoado! Como já dissemos, agora repito: Se alguém lhes anuncia um evangelho diferente daquele que já receberam, que seja amaldiçoado! (Gálatas 1:8-9)

Que assim seja. Que seja eternamente condenado qualquer pessoa que advogue uma religião ou cosmovisão que discorde do Cristianismo bíblico.

Devemos insistir que somente o Cristianismo é verdadeiro e que todas as religiões e cosmovisões não-cristãs são falsas, pois essa crença é uma parte integral e necessária do Cristianismo bíblico, e aqueles que reivindicam ser cristão não têm a opção de rejeitá-lo. Como cristãos, devemos nos gloriar na natureza exclusiva da nossa fé ao invés de nos envergonharmos dela. A questão não é se alguém acha a reivindicação emocionalmente satisfatória, embora devamos, mas se é objetivamente verdade que Cristo, e, portanto, o Cristianismo, é o único possuidor de verdade, e que quaisquer assim chamadas verdades em outras religiões e cosmovisões não são nada mais do que mercadorias roubadas e evidência da culpa delas.

A própria Bíblia reivindica um status exclusivo, e nenhum insulto contra o cristão, dizendo que ele está advogando ódio e intolerância, pode mudar a verdade dessa reivindicação. Qualquer pessoa que rejeita a reivindicação cristã de exclusividade deve prontamente confrontar a cosmovisão cristã com sua própria cosmovisão não-cristã. Aqueles cristãos professos que se opõem à total exclusividade e superioridade do Cristianismo devem reconhecer que eles têm rejeitado a infalibilidade bíblica, que eles têm repudiado a autoridade de Cristo, os profetas, e os apóstolos, e assim, eles não têm fundamentos bíblicos a partir dos quais se chamarem de cristãos.

Se o Cristianismo ousa se declarar como tendo um monopólio sobre a verdade e espera que os outros obedeçam, então é apenas correto que ele deva demonstrar sua superioridade quando assaltado por outras cosmovisões. Contudo, seria intelectualmente desonesto e moralmente desprezível para o não-cristão permanecer resistente à cosmovisão cristã, incluindo sua reivindicação de exclusividade, após o cristão ter triunfado em argumentação.

Em conexão com isso, a igreja em geral está em falta por não fornecer aos crentes um treinamento melhor em apologética, de forma que muitos deles têm sucumbido covardemente ao apelo dos incrédulos para praticar a “tolerância”, e, assim, têm cessado de confrontar as falsas religiões e cosmovisões abraçadas por eles. Embora os cristãos devam ser corteses para com os incrédulos num nível social, aqueles que são simpáticos para com os não-cristãos num nível teológico ou ideológico, cometem traição contra Cristo e seu reino.

Colossenses 2:9-10 diz: “Pois em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade, e, por estarem nele, que é o Cabeça de todo poder e autoridade, vocês receberam a plenitude”. Se “toda a plenitude da divindade” está em Jesus Cristo, nenhum profeta subsequente pode ser maior do que ele, pois não há nada deixado para ser revelado por outro profeta que já não tenha sido revelado por Cristo, e aqueles que reivindicam tal revelação adicional, devem ser falsos profetas. Cristo é “o Cabeça de todo poder e autoridade”, e ninguém que vem após ele pode substituí-lo. Se temos “recebido a plenitude em Cristo”, o qual, por sua vez, tem “toda a plenitude da divindade”, então não há nada para se aprender a partir de religiões e cosmovisões não-cristãs. Se Cristo não é meramente um mensageiro ou uma manifestação de Deus, mas o próprio Deus, nenhum profeta pode alterar, atualizar, contradizer ou adicionar algo à revelação cristã. Aqueles que o fazem são impostores e mentirosos.

Uma pessoa pode pensar que esse tipo de linguagem é certamente muito dura e cruel; contudo, a Bíblia fala de incrédulos como brutos, víboras, cães, porcos, tolos, hipócritas, sepulcros caiados, e filhos do diabo. Não usamos palavras duras por causa de amargura, ira, ou descortesia, mas como uma tentativa de dar descrições adequadas da

estupidez e depravação da incredulidade. Em adição, não afirmamos eu os não-cristãos devem permanecer como são. Aqueles de nós que foram salvos, “também vivíamos entre eles, satisfazendo as vontades da nossa carne, seguindo os seus desejos e pensamentos. Como os outros, éramos por natureza merecedores da ira” (Efésios 2:3). Contudo, “pelo grande amor com que nos amou, deu-nos vida com Cristo, quando ainda estávamos mortos em transgressões pela graça vocês são salvos” (v. 4-5). Não nos gloriamos e nem triunfamos sobre os fracassos dos não-cristãos por causa de algumas qualidades superiores inerentes em nós mesmos, mas “quem se gloriar, glorie-se no Senhor” (1 Coríntios 1:31). E mesmo agora, não podemos fazer nada aparte de Cristo (João 15:5).

Os cristãos que têm professado a fé em Cristo devem entender a quem e pelo que eles se comprometeram. Aqueles que se chamam de cristãos, e que ao mesmo tempo experimentam grande dificuldade com as reivindicações bíblicas de exclusividades, deveriam examinar a si mesmos para ver se eles são cristãos genuínos (2 Coríntios 13:5), ou se eles têm compreendido erroneamente, em grande medida, a mensagem do evangelho, e, portanto, experimentado falsas conversões. Muitas pessoas que têm aceitado uma versão diluída e distorcida do Cristianismo rejeitariam imediatamente uma apresentação correta do Cristianismo bíblico.

Se eles entendem a verdadeira natureza do Cristianismo como uma religião e cosmovisão exclusiva, mas continuam a negar a supremacia e autoridade exclusiva de Cristo, repudiando assim a fé cristã, então por qual definição ele são cristãos genuínos? Em que sentido uma pessoa que declara que Cristo pode ser somente uma opção entre muitas, e que suas próprias reivindicações de autoridade e verdade exclusiva são equivocadas (Mateus 28:18; João 14:6), pode ser uma cristã? Em que sentia uma pessoa que conscientemente contradiz os apóstolos Pedro e Paulo Paul (Atos 4:12; 1 Timóteo 2:5), pode ser uma cristã? Essa pessoa chama falsamente sua fé de “Cristianismo”, visto que ela desafia declarações bíblicas em um assunto muito importante.

Devemos confrontar os cristãos professos indecisos dentro da igreja, de forma que eles devem escolher de uma vez por todas a quem eles servirão (Josué 24:15), e pararem de ter uma mente indecisa ou de “oscilar para um lado e para o outro” (1 Reis 18:21). Se o Cristianismo é verdadeiro, então todas as religiões e cosmovisões não-cristãos são falsas; se qualquer outra religião ou cosmovisão é verdadeira, então o Cristianismo não pode ser ao mesmo tempo verdadeiro.

Muitos cristãos condenam prontamente o roubo, o adultério e o assassinato, com uma posição aparentemente inamovível e não sujeita a compromisso. Contudo, elas encorajam ao mesmo tempo um tipo de diálogo não-confrontacional com religiões e cosmovisões não-cristãs que denuncia uma atitude de ver a idolatria como não sendo tão ímpia como

os pecados. Isso revela que o padrão ético delas é, antes de tudo, mais humanístico do que bíblico, mas antropocêntrico do que teocêntrico. Eles são horrorizados por crimes violentos, mas consideram o ateísmo e a idolatria com uma bondade e empatia humanista.

Contudo, a falsa adoração é um pecado muito maior do que o assassinato ou estupro. Jesus diz que “o *primeiro* e *maior* mandamento” é “Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento” (Mateus 22:37-38), enquanto amar seus companheiros seres humanos é designado como o segundo mandamento (v. 39). Portanto, é contra o padrão bíblico de ética lamentar crimes contra a humanidade mais do que pecados contra o único Deus verdadeiro.

Minha preocupação é se cristãos consideram o ateísmo e a idolatria como sendo os mais sérios dos pecados, ou se eles podem ignorar os primeiros quatro dos Dez Mandamentos enquanto obedecendo o resto. Estou convencido de que a atitude indiferente e acomodada de muitos cristãos para com os pecados do ateísmo e da idolatria falham em refletir a denúncia extrema da Escritura contra elas. E na extensão em que nossos pensamentos discordam dos pensamentos de Deus, pecamos contra ele, fazendo-lhe ser um mentiroso.

Devemos instar que os cristãos estabeleçam em suas mentes, isso se eles professam Jesus Cristo como Senhor, que eles devem renunciar permanentemente suas predisposições de idolatria e sincretismo, e manter que o conhecimento da salvação é encontrado na Escritura somente, que a obra redentora de Deus é apropriada através de Cristo somente, e que ela é aplicada ao indivíduo pela fé somente.

Alguém que rejeita a noção de que uma religião ou cosmovisão pode ser exclusivamente verdadeira já está praticamente exclusividade ao dizer que é exclusivamente verdade que nenhuma religião pode fazer reivindicações exclusivas. Todas as religiões exclusivas devem ser excluídas de aceitação. O apelo à tolerância ou para sermos inclusivos em nossa teologia é frequentemente uma escusa para evitar tratar com várias e irreconciliáveis contradições entre as cosmovisões. O não-cristão deveria parar de ser um covarde intelectual, encarar a realidade, e admitir que por causa dessas reivindicações contraditórias, nem toda cosmovisão pode ser verdadeira.

O que dá aos incrédulos o direito de serem intolerantes às nossas reivindicações exclusivas? Se eles são verdadeiramente tolerantes, por que eles não toleram nossos ataques sem replicar de volta? Mas eles replicam, e veementemente atacam o Cristianismo, mas eles não atacam alvos fáceis tais como o Islamismo ou Budismo frequentemente, se é que alguma vez. Contudo, essas outras religiões também fazem reivindicações exclusivas fortes. É apenas um caso de ignorância no

estudo das religiões, ou é um caso de preconceito seletivo equivalente a uma conspiração satânica contra a verdadeira fé?

Por que os incrédulos foram seus esforços no ataque ao Cristianismo? Várias coisas podem se passar em suas mentes distorcidas e depravadas, mas há duas possibilidades óbvias. Primeiro, somente a cosmovisão cristã possui uma ameaça para eles a partir de um ponto de vista intelectual. Segundo, na realidade há somente dois grupos de pessoas no mundo — cristãos e não-cristãos (Gênesis 3:15). Jesus diz: “Aquele que não está comigo, está contra mim” (Mateus 12:30). A partir do ponto de vista de Deus, todos os não-cristãos estão do mesmo lado, quer eles sejam ateus, budistas, ou mórmons. Ele é ultimamente um caso da única verdade contra uma variedade de falsidades, e não de várias cosmovisões dignas competindo por domínio.

Há aqueles que dizem que a intolerância intelectual e ideológica resulta de ignorância; contudo, esses próprios indivíduos rejeitam certas proposições baseados no que eles reivindicam ser conhecimento, não ignorância. Por exemplo, eles rejeitam a idéia de que a terra é chata por causa do conhecimento que eles reivindicam ter. Portanto, a intolerância intelectual e ideológica é frequentemente uma reivindicação de conhecimento. Podemos argumentar sobre se esse conhecimento alegado é verdadeiro, mas o próprio ato de debate implica que cada um considera os outros como estando errados, e que cada um está disposto a expor os erros dos outros. Por outro lado, a tolerância é uma marca de ignorância — alguém que não sabe o que é verdade ou falso não tem base sobre a qual rejeitar qualquer idéia ou crença.

Nunca devemos tolerar a falsidade, mas devemos expô-la e destruí-la. Todavia, não fazemos isso através de violência física, mas por brutalidade intelectual irrefreável em diálogo e argumentação racional. Como Paulo diz:

As armas com as quais lutamos não são humanas; ao contrário, são poderosas em Deus para destruir fortalezas. Destruímos argumentos e toda pretensão que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levamos cativo todo pensamento, para torná-lo obediente a Cristo. (1 Coríntios 10:4-5)

Honestidade e coragem demandam que promovamos o confronto das cosmovisões em debate privado e público, e decidir de antemão que aqueles que não podem suportar o escrutínio intenso devem ser abandonadas como falsas. O Cristianismo será a única [cosmovisão] que permanecerá de pé quando a poeira se assentar.

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto
felipe@monergismo.com

Cuiabá-MT, 29 de Setembro de 2005